



FACULDADE CALAFIORI

ADRIANA ALVARENGA SANTOS

ANDREIA BONFIM

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: recurso
pedagógico no processo de formação do leitor**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2015**

ADRIANA ALVARENGA SANTOS

ANDREIA BONFIM

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: recurso pedagógico no processo de formação do leitor

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Marília de Souza Neves

Linha de pesquisa: Alfabetização, literatura e linguagem

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2015

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: recurso pedagógico no processo de formação do leitor

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AValiação: () _____

Professora Orientadora: Profa. Ma. Marília de Souza Neves

Professor Avaliador da Banca: Prof. Me. César Clemente

Professor Avaliador da Banca: Prof. Esp. Cláudio Manoel Person

EU, Adriana, dedico à minha família, que, nos momentos de minha ausência, destinados ao estudo, sempre me fez entender que o futuro é feito a partir do constante trabalho no presente.

EU, Andreia, dedico à minha família, pela fé e confiança demonstrada, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos em que pensei em desistir do meu caminho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de nossas vidas, e não somente nestes anos como universitárias, mas que, em todos os momentos, é o maior Mestre que alguém pode conhecer.

À Faculdade Calafiori, pela oportunidade de fazermos o curso de formação gratificante e enriquecedora.

À nossa orientadora, Profa. Ma. Marília de Souza Neves, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A todos os funcionários da biblioteca, pelo carinhoso apoio.

Agradecemos, também, a todos os professores, por nos proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

“A língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos.”

(MARCUSCHI, L. A. 2001. p 133).

RESUMO

A leitura, em muitas escolas brasileiras, está atrelada a notas. O professor é quem escolhe os livros que os alunos precisam ler, e estes realizam tal ato de forma mecânica, por obrigação, sem prazer. Em contrapartida, existem algumas instituições de ensino que recorrem à diversidade textual para atrair os educandos, preocupando-se com o processo de formação do leitor, conscientes de que a leitura é uma prática para a vida toda, e não se restringe, pois, à esfera educacional. À vista disso, preocupadas com a trajetória de leitura dos alunos nos primeiros anos de escolarização e cientes das consequências advindas da falta de estruturação dessa prática no cotidiano do discente, buscamos estudar sobre o caminho de leitura que a criança percorre durante o Ensino Fundamental I, de modo a constituir-se não um “ledor”, e sim, um leitor. Sendo assim, a presente pesquisa, organizada por meio de levantamento bibliográfico, objetiva refletir acerca da prática de leitura no Ensino Fundamental I, utilizando as Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso pedagógico no processo de formação do leitor. Por se tratar de um tema importante para aqueles que se preocupam com o desenvolvimento do ser infantil, construído a partir de experiências significativas concernentes à leitura, pensamos ser essencial analisar as teorias de alguns estudiosos em relação a essa prática na unidade de ensino, principalmente, o modo como é utilizada. À vista disso, apresentamos algumas sugestões pedagógicas para efetivar a prática de leitura na escola, por meio de atividades relativas ao gênero textual Histórias em Quadrinhos, a fim de auxiliar os professores no trabalho direcionado à formação de leitores críticos, autônomos, capazes de ler com proficiência.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Ledor. Ensino Fundamental I. Histórias em Quadrinhos (HQs).

ABSTRACT

Reading, in many of Brazilian schools, is harnessed to grades. The teacher is the one who chooses the books that students should read and they make this in a mechanic way, for duty and without pleasure. On the other hand there are some teaching institutions that draw on the textual diversity to attract learners, concerning about the reader's formation process, aware that reading is a practice to the whole life and do not restrict itself to the educational sphere. Therefore, worried about the trajectory of the students' reading in the early years of schooling and aware of the consequences of the lack of structure of this practice in the student's daily, we seek to study about the way of reading that a child wanders during the Elementary School, in a way to make not a "lector", but a truly reader. Thus, this present research, organized by a bibliographic survey, objective to reflect about the reading practice in the Elementary School, using comics as a pedagogical resource in the reader's formation process. Since it is an important issue to the ones that are aware of child development, built from significant experiences about reading, we believe that it is essential to analyze the theories of some scholars about this practice in the teaching unit, mostly the way it is used. Therefore, we present some pedagogical suggestions to put into effect the reading practice in school, by activities related to the Comics textual genre, with the goal to assist teachers in the directed work to form critical and autonomous readers, with the ability to read proficiently.

Keywords: Reading. Reader. "Lector". Elementary School. Comics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- HQ – História em Quadrinhos
- HQs – Histórias em Quadrinhos
- PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola
- RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
- SCIELO – *Scientific Eletronic Library on line*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A primeira das Histórias em Quadrinhos.....	32
Figura 2 – O início das peripécias de Nhô Quim, de Ângelo Agostini.....	34
Figura 3 – Primeiro exemplar da revista Tico-Tico.....	35
Figura 4 – Modelos de balões de HQs.....	38
Figura 5 – Modelos de onomatopeias de HQs.....	39
Figura 6 – Exemplo de linguagem nas HQs.....	40
Figura 7 – Atividade com a Turma da Mônica.....	48
Figura 8 – Exemplos de formatos de balões.....	49
Figura 9 – Tirinha de atividade.....	51
Figura 10 – Revistinha de Atividade.....	52
Figura 11 – Personagens da Turma da Mônica.....	53
Figura 12 – Chico Bento e a mãe.....	53
Figura 13 – O Menino Maluquinho.....	54
Figura 14 – HQ – Cascão.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Justificativa.....	13
1.2	Metodologia.....	15
2	LEITURA.....	17
2.1	Iniciando o processo da leitura.....	17
2.2	Conceituando leitura.....	20
2.3	Tipos de leitura.....	23
2.4	Importância da leitura na infância.....	24
3	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	30
3.1	Esboço histórico do gênero textual História em Quadrinhos.....	31
3.2	Composição estrutural das Histórias em Quadrinhos.....	36
3.3	A influência das Histórias em Quadrinhos na formação do leitor.....	40
4	SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA O TRABALHO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I.....	46
	CONCLUSÃO.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXO.....	63

1. INTRODUÇÃO

A literatura é parte de nós. Por meio de obras literárias, mantém-se contato com a vida, nas suas verdades eternas e comuns a todos os homens e lugares, pois são as mesmas verdades da condição humana. Ela é uma forma de expressar por escrito todo o processo histórico-social do momento, com muitos efeitos especiais, como fantasia e imaginação.

Todavia, apesar de a literatura abrir caminhos para um universo de conhecimentos e curiosidades, diversas crianças e jovens não se sentem motivados a ler. Talvez isso seja um reflexo da leitura utilitária, meramente instrucional, que, por vezes, é trabalhada nas práticas pedagógicas. Importante, então, incentivar as crianças a terem acesso a leituras prazerosas, para que, paralelamente, constituam-se sujeitos letrados.

Assim, cabe ao professor da Educação Fundamental I proporcionar ao aluno as muitas sensações que podem decorrer da leitura de diferentes textos, conforme salienta Cunha (2002), ao afirmar que não se pode descartar nenhum tipo de leitura. Dentre essa variedade de leitura, estão as Histórias em Quadrinhos, encontradas, predominantemente, em gibis. Como exemplo, temos os gibis de Mauricio de Sousa, o criador da Turma da Mônica. Os personagens desse artista reproduzem o universo infantil, desde o menino da roça, como o Chico Bento, até o garoto que viaja em uma nave especial, o Astronauta, sendo histórias extremamente ricas, as quais despertam nos alunos o gosto por ler.

Para Iannone (2004), as Histórias em Quadrinhos conduzem o leitor a se interessar, também, por outros tipos de leitura, sendo que, em junção com os livros, são ferramentas saudáveis para estimular a imaginação de crianças e de jovens.

De acordo com Fogaça (2003), esse tipo de “literatura” muito colabora para a formação de leitores, pois sua linguagem motiva e satisfaz as crianças, não as fadiga como ocorre, em várias ocasiões, nas leituras impostas pelo professor e, ao adaptar-se ao seu nível intelectual e ao seu interesse, abre caminhos que há contra a prática de leitura, sendo uma competente ferramenta para instigar o prazer por ela. Além disso, para a pesquisadora Huppés (2006), os trabalhos a serem desenvolvidos com as Histórias em Quadrinhos são diversos e produtivos, no

entanto, o desafio consiste em direcioná-los para auxiliar o aluno a se tornar um leitor, e não apenas um 'ledor'.

Ainda de acordo com a autora, a criança denominada de "ledor" é aquela que simplesmente lê por imposição, para cumprir uma tarefa que o professor aplica; já a criança "leitor" é aquela que lê por vontade, por necessidade de querer conhecer assuntos diferentes, que se interessa em aprender, a compartilhar com os textos lidos suas necessidades, fantasias.

Entretanto, o que atualmente se tem visto nas escolas são alunos "ledores", que leem pouco, porque não se sentem motivados e, sim, obrigados. Desse modo, colabora para que tal cenário se perpetue o fato de que, para qualquer pessoa, ainda mais para uma criança, com seu espírito de liberdade, não tem ocorrido a prática da leitura prazerosa, que deve ser trabalhada por meio de atividades motivadoras, com diferentes textos, dando liberdade à criança de criar o hábito da leitura, a fim de não vê-la como tarefa, mas como algo que trará a ela um novo mundo, novas possibilidades.

Posto isso, o tema de nossa pesquisa é a formação do leitor, sendo o título "*Histórias em Quadrinhos: recurso pedagógico no processo de formação do leitor*", porque, para a construção de leitores, é essencial que se ofereça aos alunos convívio com experiências relativas a diferentes objetos de leitura e que estes possuam conteúdos de qualidade, habilitando, progressivamente, o pequeno leitor para praticar leituras de qualidade.

Portanto, o trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a prática de leitura no Ensino Fundamental I, utilizando as Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico no processo de formação do leitor.

Quanto aos objetivos específicos, pretendemos:

- expor algumas concepções acerca da leitura, discorrendo sobre suas diferentes funções;
- diferenciar "leitor" de "ledor";
- caracterizar o gênero textual "Histórias em Quadrinhos", destacando sua importância na formação do leitor;
- apresentar atividades com Histórias em Quadrinhos no Ensino Fundamental I, visando à prática de leitura significativa.

Sob esse prisma, surge o problema que norteia a pesquisa: As Histórias em Quadrinhos, quando bem trabalhadas na escola, auxiliam o processo de formação da criança como leitor?

Na maioria das escolas, “o gosto pela leitura” tem sido vetado pela “obrigação em ler” por nota, para vencer mais uma etapa. Dessa forma, ao observarmos nesse lócus a quantidade de “letores”, almejamos entender por que isso ocorre e, futuramente, tentar agir de maneira diferente na prática docente. Portanto, fez-se essencial pesquisar o assunto em voga, pois o julgamos fundamental para buscarmos uma educação de qualidade em nosso país, a fim de que haja leitores proficientes em nossas escolas.

Sendo assim, o trabalho está dividido em três capítulos.

No capítulo primeiro, apresentamos algumas definições sobre a leitura, enaltecendo-se a importância dessa prática na instituição de ensino, bem como os propósitos dela, e quando se deve começar a ler.

Já no segundo capítulo, recorrendo a pesquisadores renomados que versam sobre o assunto em questão, exibimos o histórico das Histórias em Quadrinhos, destacando suas características.

Finalizando, no terceiro capítulo, expomos algumas sugestões pedagógicas de como as escolas de Ensino Fundamental I podem trabalhar com as Histórias em Quadrinhos, a fim de auxiliar o aluno a se tornar um leitor proficiente.

1.1. Justificativa

Um leitor proficiente é um ser dotado de vantagens na sociedade da qual fazemos parte, pois a leitura nos conduz à criticidade diante da informação recebida. Ela age como fator determinante no êxito escolar, abrindo caminhos para a autoestima, que conduzirá cada criança a ter um bom ou mau desempenho, estimula o intelecto porque enriquece os esquemas cognitivos, oferece uma sequência articulada do começo ao fim; expande a memória do leitor; estimula a produção de textos, cumpre uma importante função social. Então, por que não conduzir a criança à leitura de forma prazerosa, lúdica?

Esse questionamento é feito por muitos professores, os quais almejam que a leitura não seja uma simples habilidade mecânica, mas algo divertido,

instaurador, motivador, capaz de ampliar o vocabulário de seus alunos, a fim de que visualizem as funções reais da leitura em sua vida. E nós, como futuras pedagogas, também pensamos como esses profissionais, buscando, neste trabalho, pesquisar medidas para superar a crise voltada ao aluno leitor e permitir que nossos possíveis alunos não sejam privados de um meio fundamental para o seu desenvolvimento, como é a leitura.

Dessa forma, justifica-se o tema proposto por ser de grande valia para pais, professores e, principalmente, para os alunos, no sentido de seu desenvolvimento, aprendizagem, na construção de sua cidadania, de se tornarem leitores com sede de ler, pois o que se tem visto nas escolas brasileiras são alunos lendo por obrigação, e não por prazer, por vontade, por se sentirem motivados a descobrir em cada livro uma aventura diferente.

Diante disso, julgamos ser necessário pesquisar outras maneiras de trabalhar com a criança para que se transforme em um leitor, pois o uso excessivo e inadequado dos livros didáticos torna as aulas monótonas e cansativas e, conseqüentemente, não favorecem a prática de leitura. Por esse motivo, quanto maior a utilização de novos recursos pedagógicos que auxiliem o trabalho do professor, melhor será a diversidade de atividades trabalhadas em sala de aula. E há uma riqueza grandiosa quanto a gêneros textuais, como, por exemplo, receita, carta, bilhete, *outdoor*, resenha, piada, instruções de uso, conta de luz e água, calendário, Histórias em Quadrinhos, sendo este último escolhido para desenvolvermos o trabalho, pelo fato de que estão presentes no cotidiano dos alunos e possuem elementos que despertam a atenção deles: linguagem não verbal, onomatopeias, pontuação livre, entre outros. Muitas personagens das HQs estão, desde cedo, antes da figura do professor no ambiente escolar, na televisão, no cinema, na internet. Estão também desenhados em guarda-chuvas, bonés, camisetas, meias, mochilas, embalagens de produtos alimentícios, entre outros, ou seja, em uma infinidade de coisinhas para consumo e, obviamente, nas próprias revistas.

Por tudo isso, a criança, já vai incutindo as características de cada personagem no seu íntimo, desde a voz engraçada, o jeito de andar espalhafatoso, a maneira de gesticular. Além do que, a HQ é um tipo de gênero textual que almeja instigar a criatividade, motivar a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico e a imaginação criadora, porque é composta de uma linguagem simples e curta, sendo

sua exposição realizada em quadros coloridos, que auxiliam os pequenos a compreenderem melhor cada HQ, sendo, inclusive, indicada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como opção no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, por meio das Histórias em Quadrinhos - por estarem mais perto da realidade dos alunos - os estudantes ficarão menos resistentes à leitura, terão mais prazer em trabalhar as histórias e, conseqüentemente, caminharão para a leitura que faz sentido, a leitura com prazer.

Portanto, faz-se essencial pesquisar o assunto em voga, pois o julgamos primordial para haver uma educação de qualidade em nosso país, para que haja mais leitores proficientes em nossas escolas, enfim, para que se construam cidadãos críticos.

1.2. Metodologia

A definição da metodologia que orienta o caminho da pesquisa é extremamente fundamental para que ela possa alcançar a qualidade esperada. Segundo Vianna (2008, p. 95), metodologia “é a ciência e a arte de como desencadear ações de forma a atingir os objetivos propostos para as ações que devem ser definidas com pertinência, objetividade e fidedignidade”.

Portanto, a metodologia escolhida para este trabalho foi uma pesquisa bibliográfica sobre a leitura e o gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQs), utilizado como recurso no processo de formação do leitor. Segundo Minayo (2012, p. 31), “a revisão bibliográfica é construída com as várias fontes pesquisadas, sendo uma discussão entre os autores da qual resulta uma consideração final”.

Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico, por meio do qual foram consultados livros, revistas e artigos de revistas educacionais que tratavam do assunto. Além disso, acessamos artigos em português no *site* de busca *Scientific Eletronic Library on line* (SCIELO) e em outros *sites* renomados, nos meses de março de 2015 a setembro do corrente ano. As palavras-chave utilizadas para buscar os artigos necessários foram: Histórias em Quadrinhos (HQs); gênero textual; leitura; formação do usuário; incentivo à leitura.

Seguidamente, fizemos uma pré-seleção de textos que podiam fundamentar a pesquisa. De posse das informações obtidas mediante a busca,

levantamento e leitura preliminar das fontes de pesquisa, elaboramos um plano prévio do trabalho que seria desenvolvido, tratando-se de um esboço traçado a partir das grandes linhas que estruturaram o estudo. Estabelecido um plano prévio, iniciou-se a leitura propriamente dita do material selecionado, seguida de anotações, fichamentos, resenhas, e mesmo comentários pessoais, que foram classificados e arquivados, tendo em vista a sua redação final.

Quanto aos objetivos propostos na pesquisa, esta consistiu em pesquisa do tipo exploratória. Cervo et. al., diz que:

A pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo (CERVO et. al., 2008, p. 62).

Na fase exploratória, as discussões se firmaram quanto ao levantamento das apreensões das pesquisadoras na procura do ponto central da investigação.

Elaboramos, então, a escolha do tema da investigação e a delimitação do problema. Em seguida, realizamos a revisão da literatura para examinar com mais detalhes o assunto.

As informações obtidas foram analisadas frente à literatura científica específica, coletando dados a respeito de a utilização das HQs constituírem-se recurso pedagógico no processo de formação do leitor.

2. LEITURA

2.1 Iniciando o processo da leitura

Ninguém nasce lendo, mas muitas crianças já mantêm contato com a leitura quando bem pequeninas, no berço, já escutam canções de ninar e, quando crescem um pouco mais, ouvem da mãe, do pai ou da babá lindas histórias. Portanto, a Literatura está presente na vida de uma criança desde muito cedo.

Martins comenta que:

[...] desde os nossos primeiros contatos como mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como que se integram à nossa pele e o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler (MARTINS, 2003, p.11).

Casasanta (2004), também traz sua opinião ao comentar que o primeiro contato com um texto é realizado oralmente por meio da mãe, pai ou avós ao lerem para a criança contos de fadas, ou mesmo histórias inventadas em momentos aconchegantes da criança, como antes de ela tirar uma soneca, ou num momento de lazer.

Após o período dos iniciais acalentos maternos, a criança já se encanta por um livro, primeiramente pelo seu material, no sentido de textura do papel, do volume, do tipo de papel, do colorido das figuras, até pelo cheiro, a maciez, o número de páginas, enfim, pelo livro como um todo. Esse esboço de leitura pode ocorrer já nos primeiros dias de vida do bebê, quando ele é aproximado do livro-objeto, isto é, dos livros de pano, de plástico e de outros materiais resistentes, como os de papelão, de borracha. Nesse momento, o livro com essas características ocupa um papel próximo ao do brinquedo: a criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com um objeto que se identifica com a estrutura física do livro. Tanto nessa fase como na fase da Educação Infantil, a criança é denominada de pré-leitor.

O pré-leitor, segundo Coelho (2000), é aquele que ainda não foi alfabetizado, sendo que inicia sua leitura, de modo geral, a partir de uma literatura não tradicional, por exemplo, a partir de um conto. Sustentando essa visão, Freire (1989) assegura que, ao se tentar desenvolver o ato da leitura, haverá um longo caminho, o qual se inicia muito cedo, pois é logo na infância que a criança começa a ler.

Por isso, é durante a infância, fase cheia de informações e estímulos, que esse pequeno ser começa a se desenvolver e, assim, fazer sua “leitura de mundo”, leitura esta inicialmente feita pelos seus cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar. Freire (1989) assevera que, mesmo sendo a leitura de mundo antecedente à leitura das palavras, estas não podem ser dissociadas uma da outra, pois elas se complementam. A partir dessa capacidade de distinção, a criança poderá classificar o que mais lhe agrada, ou seja, antes mesmo de aprender a decodificar os símbolos, o ser humano é capaz de fazer sua própria leitura por meio de sua exploração sensorial em torno do seu ambiente.

Conforme salienta Silva (2005), os sons das palavras geradas pelos seus pais e familiares, a criança irá aprender a falar e, com esse ato, ela fará, novamente, uma leitura que receberá o nome de leitura auditiva. Ao observar algo, fará uma leitura com os olhos; há também a leitura que se utiliza do tato como instrumento, por meio da qual o seu leitor poderá identificar toda e qualquer estrutura apresentada a ele. Assim, no decorrer da infância, serão encontrados vários tipos de leitura, sem que a criança aprenda de fato o ato de ler. Logo, afirma-se que a primeira ação executada pelo indivíduo ao nascer seria a leitura.

Nessa fase da infância, a leitura deve ser motivada e incrementada com obras chamativas, livros que relatam ações maravilhosas e fantásticas. Por isso, é importante que as crianças tenham acesso a livros de histórias que lhes possibilitem sonhar, imaginar, inventar, sendo, realmente, crianças.

Após o pré-leitor realizar sua própria leitura, ele identificará os símbolos ali impressos, formando, assim, seus sons e sentidos. Por isso, pode-se considerar a leitura como um processo ativo de seu leitor, através do qual busca a compreensão do que se foi lido.

Desse modo Huppés (2006), explica que o termo “ledor” refere-se à criança que lê para cumprir uma tarefa, e “leitor” seria aquela que vai além, que lê por prazer e por necessidade de buscar mais conhecimentos e, conseqüentemente,

compreender melhor o mundo que a cerca. Dessa forma, é comum os educadores se interrogarem por que as crianças e jovens ainda leem tão pouco.

Complementando, Cunha (*apud* HUPPES, 2006), enfatiza que “[...] a criança não se interessa pelo livro porque é apenas o reflexo do próprio desinteresse do adulto, por tal objeto [...]”, corroborando que “[...] a ideia de que a leitura vai fazer bem à criança ou aos jovens leva-nos a considerá-los a ler, como lhes impondo uma colher de remédio e a escovação dos dentes [...]”.

É extremamente desagradável fazer algo que não se quer, ou ser forçado a fazer. Exemplo disso é a criança, a qual tem dentro de si o instinto da liberdade, do não querer por querer. Dessa forma, tornar o hábito da leitura uma prática prazerosa no dia a dia da criança é, concomitantemente, uma tarefa e um desafio para o educador, porém necessário entender a leitura como uma construção de sentidos, que abrange diversas linguagens, a corporal, a plástica, a musical. (MARTINS, 2003)

Nesse sentido, observa-se que a leitura é um processo contínuo que se começa ao nascer e só se finaliza com a morte. Ao se fazer uma leitura de mundo, o indivíduo deverá ser capaz de decifrar, além dos códigos impressos, os outros requisitos exigidos do leitor para a sua compreensão. Mas para se viver em uma sociedade cheia de signos a serem decifrados, aprender a ler significa uma ampliação do conhecimento necessário para a vida, pois é através da leitura que irá ocorrer essa inserção ao conhecimento.

Dessa forma, de acordo com Martins (2003, p. 34), “aprender a ler simboliza aprender a ler o mundo, ver o sentido das coisas e averiguar o que sentimos, além de observarmos o que fazemos mesmo sem sermos ensinados”.

Assim, aprender a ler é uma necessidade do ser humano. Para que ele se torne protagonista da sua própria história, é preciso que compreenda os diferentes textos que fazem parte do seu cotidiano, interprete não apenas palavras, frases, períodos, mas imagens e símbolos, estabelecendo uma interação entre a leitura e as práticas sociais que permeiam seu dia a dia.

2.2 Conceituando leitura

De acordo com o minidicionário escolar da língua portuguesa (2009), leitura é o ato ou efeito de ler, sendo que ler é a ação de decompor as letras para obter sentido, reconhecimento e entendimento do que se foi lido. Com isso, Martins explica que:

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visa não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 2003, p. 22).

Destarte, ao se fazer uma leitura, o indivíduo poderá identificar os símbolos ali impressos, formando, assim, seus sons e sentidos. Por isso, pode-se considerar a leitura como um processo ativo de seu leitor, por meio do qual ele busca a compreensão do que se foi lido.

Para Resende (2006, p. 43), ler significa ser interrogado pelo mundo e por si mesmo, significa que algumas questões podem ser averiguadas na escrita, significa poder ter aproximação a essa escrita, significa desenvolver uma resposta que incorpora parte das novas informações ao que já se é. Nesse sentido, a leitura é um processo amplo, o qual requer habilidades.

Complementando, Solé (1998) assevera que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, no qual aquele teria como objetivo a obtenção de informação. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário que o leitor seja capaz de processar o que foi lido, pois muitas são as finalidades ao se fazer uma leitura, desde um simples momento de lazer até mesmo a busca por informações concretas.

A autora afirma que é por meio da leitura que o leitor poderá adquirir conhecimento e informação, enfatizando que tal prática, como não tem, necessariamente, apenas uma interpretação fixa e acabada, torna-se, desse modo, variável. Com isso, é possível que dois leitores distintos façam diferentes interpretações da mesma leitura. De acordo com a pesquisadora, essa liberdade de interpretação não restringe o texto em si de ter seu próprio sentido, mas faz com que o mesmo se torne mais flexível (SOLÉ, 1998).

Dessa maneira, de acordo com a perspectiva interativa, adotada pela pesquisadora (SOLÉ, 1998) — a qual também se utiliza dessa perspectiva defendida por outros autores — a leitura é um processo pelo qual se percebe a linguagem escrita. Entretanto, para ler, o indivíduo necessita, ao mesmo tempo, executar com agilidade as habilidades de decodificação e marcar no texto metas, ideias e experiências anteriores. Para ler, precisa cercar-se de um processo de prevenção e questionamento diário, que se ampara na informação advinda do texto e da própria experiência cultural, e em um processo que consente em encontrar indícios ou negar as previsões e interferências anteriormente divulgadas.

Diante do exposto, nota-se que a leitura é um ato que pressupõe o conhecimento prévio do leitor, a fim de que este tenha condições de dialogar com os textos que lhe forem apresentados (ou escolhidos) e com o próprio autor, mantendo sua criticidade.

Martins (2003), também afirma que o ato de ler traz a descoberta de particularidades comuns e discrepâncias entre os indivíduos, grupos sociais, entre as inúmeras culturas, motiva tanto a fantasia como a realidade objetiva, oferecendo componentes para uma visão crítica, mostrando opções. Sendo assim, sintetiza suas concepções sobre a leitura de duas formas:

- 1) como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (MARTINS, 2003, p. 31).

No entanto, a autora enfatiza que ambas são necessárias para o bom entendimento da leitura, posto que não há como fazer a decodificação de um texto sem compreendê-lo e o mesmo ocorre ao se tentar compreender sem considerá-lo (MARTINS, 2003). Ainda sob a visão desse estudioso, Frank Smith, psicolinguista norte-americano, pesquisador sobre a leitura, revela que, pouco a pouco, essa prática passa a ser vista como um processo em que o leitor compartilha uma capacidade que não deriva apenas de sua habilidade de decifrar sinais, entretanto de sua habilidade de dar sentido a eles, entendê-los.

Assim, segundo Martins (2003), a leitura vai além da decodificação do texto, pois ao se fazer isso, o leitor deverá assumir o papel de ser ativo e atuante e

deixar de ser um mero decodificador passivo. Por fim, leitura é o ato de interação do leitor com o objeto lido, podendo este ser apenas um gesto, um som, uma imagem ou propriamente um texto escrito.

Fortalecendo esse posicionamento, Neves afiança que:

A leitura é um processo complexo que exige a ativação de aspectos cognitivos, interação entre o produtor do texto, o próprio texto e o leitor, além do uso de estratégias individuais para dar sentido aos propósitos de tal tarefa, associando-a à compreensão. Constitui-se prática por ser ação, movimento e se fazer necessária à rotina do ser humano, que, à medida que lê, dialoga com outras pessoas, posiciona-se frente a opiniões distintas, adquire conhecimentos, mantém-se informado, pesquisa, atribui sentido às linhas grafadas e, pouco a pouco, sente-se mais seguro para lançar-se à comunicação (NEVES, 2014, p. 22-23).

Neves (2014) nos explica que, por meio da leitura, o indivíduo desenvolve a criticidade, articula melhor suas ideias, a fim de defender seus pontos de vista com mais segurança. Por se tratar de um processo complexo — que envolve a interação do leitor com: o texto, o autor e com o próprio leitor —, essa prática requer constância, ou seja, não é de um dia para o outro que nos tornamos leitores. A proficiência na leitura é obtida através do contato com diferentes gêneros e suportes textuais.

Conforme elucidam Palo e Oliveira,

[...] ler é um trabalho de detetive, é como achar “pistas” no que é apresentado pela escola. Ler é construir significados e, quanto mais lemos, maior é a rede de sentidos que podemos tecer. Ler é dialogar com o autor, com seu contexto histórico, social e cultural, é preencher os vazios de modo ímpar, utilizando seus conhecimentos prévios (PALO e OLIVEIRA, 2015, p. 35).

Realmente, ler é um trabalho que nos conduz a acharmos o significado de cada palavra, de cada gesto de uma personagem, é dialogarmos com alguém que não conhecemos por meio de um conto, uma fábula, uma história. É percorrer mundos distantes, falar línguas desconhecidas, buscando nossa própria história em meio a tantas.

2.3 Tipos de leitura

Ao se pensar em leitura, depara-se com três tipos, indissociáveis um do outro, como aponta Martins (2003, p. 37): “nível sensorial, emocional e racional”. Cada um desses níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido, por isso, a autora ressalta que, sendo a leitura uma atividade não estática, irá utilizar-se dos três níveis simultaneamente para, então, atingir o objetivo e a necessidade de seu leitor.

Quanto à leitura sensorial, como o próprio nome diz, envolve os cinco sentidos, como visão, olfato, tato e paladar. É a responsável por mostrar à criança, desde muito cedo, o mundo em que ela está inserida, pois usa imagens, sons, cores, gostos. Já a leitura sensorial faz com que seu leitor conheça as diferenciações existentes e, assim, permite que esse indivíduo possa analisar o que lhe agrada (MARTINS, 2003).

Complementando, Martins (2003) assevera que a leitura sensorial vai oferecendo ao leitor percepção do que ele gosta ou não, mesmo sem ele perceber; sem a utilidade de justificar-se, somente porque comove o ouvido, o tato, o paladar ou o olfato.

Eis alguns exemplos de leituras feitas sensorialmente. Ao se ouvir uma história, o ouvinte fará essa leitura, o mesmo se poderá dizer quando se observa um quadro, quando se ouve uma bela canção e até quando se degusta uma comida. Muitos são os momentos nos quais ocorre essa leitura.

Martins (2003), também ressalta que, até mesmo ao se ler um texto escrito, o leitor fará, primeiramente, sua leitura sensorial, por ser constituído de textura, volume, imagens, forma e até cheiro. Logo, ao se realizar uma leitura - e esse ato desenvolver dentro do leitor algum sentimento, como de alegria, tristeza - a leitura sensorial será complementada com a leitura emocional, a qual visa trabalhar o lado emotivo do texto. A estudiosa alega que, muitas vezes, na cultura letrada, as leituras sensorial e emocional não são tão valorizadas.

À vista disso, não se deve desvalorizar esse tipo de leitura, pois é ela que irá transportar o seu leitor a lugares até então não habitáveis, fazendo com que os amantes da literatura se deleitem em suas escrituras.

Para Martins (2003), no terreno emotivo, as coisas ficam evidentes, saem da verificação do leitor, que, de repente, envolve-se em autênticas armadilhas esboçadas no seu inconsciente.

Adicionada a esses dois tipos de leituras, há a leitura racional, que está presente nos textos narrativos, e busca a correta interpretação, a possibilidade de desenvolver o discernimento diante do que se está lendo.

Observando as diferenças entre as leituras, Martins (2003) destaca que, na leitura emocional, o leitor acaba se envolvendo com o que a história ou o texto apresenta, sendo uma atitude irracional. Nessa leitura, o leitor - de forma pessoal - gosta ou não gosta, baseando-se em elementos textuais ou emitindo sua própria opinião. Já na leitura racional, o leitor busca mais o texto, a indagação, quer compreendê-lo, interagir com ele.

Porém, vale ressaltar que na leitura não existe uma hierarquização, ou seja, se a sensorial deve vir antes da racional, ou vice-versa; o que prevalece, segundo Martins (2003), é o processo de amadurecimento do homem, com suas histórias e experiências de vida. Cada leitor vai adequando-as às suas necessidades e realizando, assim, o ato de ler.

2.4 Importância da leitura na infância

A partir do momento em que a criança chega à escola, essa instituição precisa reafirmar o sonho, a fantasia, a alegria que os pequenos possuem em seu interior e trabalhar a leitura por meio de variados textos, havendo a preparação para futuros leitores.

Malamut (2004), destaca que não há dúvida de que, na pré-escola, contar histórias é um recurso didático bastante proveitoso que propõe diversas possibilidades de atividades enriquecedoras, com as quais o professor poderá trabalhar.

Diante do mundo que existe ao redor da criança - um mundo que dispõe de jogos sonoros - as brincadeiras com as palavras e os esquemas rítmicos que caracterizam a boa literatura geralmente são do interesse do professor, buscando livros que apresentem essas características, como parlendas, poemas, fábulas, contos de fada, HQs, entre outros. De acordo com Casasanta (2004), é

extremamente importante para a formação da criança ouvir inúmeras histórias. É que, ao escutá-las, as crianças aprendem a ser um leitor, descobrindo uma infinidade de coisas para compreender o mundo.

Entretanto, esse processo citado por Casasanta (2004), tem sido incorporado por muitas escolas, mas de um modo diferente: a leitura de agradáveis livros vem acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, e não de prazer, de descoberta, de encantamento.

Conforme argumenta Zilberman (2006, p.56), “isto frustra o aluno que quer ser leitor”. Começa que há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem de ser lido num determinado período, com data marcada para término da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a necessidade, a vontade, o ritmo, o “querer” descobrir o fantástico, a querência de cada criança leitora. Ou mesmo, quando o professor apresenta, por exemplo, HQs na sala, é comumente com o objetivo de tirar do aluno algo que ele tenha compreendido, e não uma leitura prazerosa, divertida, com o intuito de motivá-lo a ler de modo livre, tranquilo.

Outro fator que motiva o desagrado da criança é que os livros ou os textos que lhes chegam às mãos, na maioria das vezes, são o de pronta entrega, ou seja, os escolhidos pelo professor.

Contraditoriamente, o objetivo para se efetivar o trabalho com textos variados no Ensino Fundamental I, de acordo com Huppes (2006), é formar leitores inquietos, críticos, capazes de perceber tudo o que um bom texto traz e que, quando chegarem ao Ensino Fundamental II, consigam ser leitores e não “letores”, por terem adquirido o verdadeiro gosto pela leitura de uma forma aprazível, saudável.

Isso posto, a leitura na infância auxilia as crianças a compreenderem o lugar do ser humano entre os outros seres da natureza, como também a relação entre os próprios humanos. Através da variedade de textos, as crianças vão vivenciando a aplicação das definições de irmão, filha, mãe, pai, avô, primos, construindo a sua própria compreensão das relações de parentesco, indagando-se sobre outras comunidades e outros lugares mencionados nos textos.

Dentre as leituras existentes, há a leitura literária, essencial no período infantil porque propicia ao ser em desenvolvimento o contato com o universo das figuras, das imagens, da ficção.

A literatura não instrui¹ somente uma criança de cada vez, mas toda uma geração que, ao compartilhar histórias comuns, acaba por formar certa visão do mundo, uma compreensão, uma cultura e mesmo uma ideologia.

Diante dessas possibilidades, Coelho (2000) explica que a literatura tem uma função essencial a realizar nesta sociedade em desenvolvimento: ser agente de formação, sendo naturalmente por meio do leitor/livro, seja na interação leitor/texto motivado pela escola.

Pode-se dizer que a criança, por meio da literatura, desenvolve as demais capacidades psicossociais necessárias para sua vida adulta. A maneira que tal ato é trabalhado é de fundamental importância, porque, através dela, iniciam-se o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura (COELHO, 2000).

Uma das funções da literatura na infância é auxiliar na formação contínua do cidadão, capacitando-o e instruindo-o para a vida em sociedade. Pode-se reforçar, pois, a ideia de que a literatura nessa fase contribui ativamente na formação do indivíduo à medida que permite o trabalho com temas que são essenciais à formação da soberania e da cidadania.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que tratam da Língua Portuguesa (1998), revela-se como a leitura exerce sua função na sociedade. Por ser ela a responsável por oportunizar a construção de conhecimentos, será a partir dela que o educando se tornará capaz de desenvolver suas habilidades e competências tanto nas disciplinas escolares quanto no seu dia a dia.

Por isso, para formar bons leitores, sensíveis e bem informados, com capacidade de analisar a realidade em que estão inseridos, os PCNs ressaltam a importância de o leitor descobrir que a “leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência” (BRASIL, 2001, p.58).

Ao se pensar em autonomia e independência, observa-se que o documento oficial também valoriza a premência de se formarem leitores capacitados de escolherem por si só seus próprios textos, conforme suas necessidades, já que, ao praticar essa ação, ele ampliará sua autoconfiança, tornando-se competente e capacitado para identificar elementos subentendidos no texto, podendo, assim, fazer

¹ A literatura auxilia as crianças a descortinarem o universo da fantasia, da beleza textual, contribuindo, também, para que estas se tornem mais críticas, saibam imaginar, criar e argumentar, desenvolvendo sua autonomia. Ao mesmo tempo, ela proporciona prazer, contentamento diante de histórias fantásticas, de contos fictícios. Portanto, oferece, além de “instrução”, prazer.

relações entre eles. Ao se chegar nesse estágio, o leitor já terá adquirido a compreensão necessária para perceber que o texto poderá ter mais de uma interpretação, dependendo do contexto em que estiver inserido.

Para embasar a prática docente, os PCNs orientam algumas condições necessárias para a formação dos leitores e da prática de leitura (vide Anexo 1).

Além dessas práticas, o documento ainda denota a importância dos trabalhos com leitura diária e leitura colaborativa com a participação do professor, fazendo questionamentos sobre o texto lido. Nele também constam incentivos para o trabalho com projetos de leitura, com a participação de todos os alunos envolvidos. “Os projetos são situações em que a linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de texto se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos” (BRASIL, 2001, p. 62).

Complementando, Cavalcanti (2002) assevera que o ingresso ao mundo da leitura e seus mais diferentes recursos devem ser um direito de todos, pois o papel do Estado é perpetuar o mínimo de dignidade ao homem. Se ler é uma aptidão inseparável ao ser humano, então incentivá-la e enriquecê-la deve ser uma das metas essenciais para a escola, família e sociedade.

Segundo Cavalcanti (2002), coibir, ou mesmo prejudicar o acesso à leitura, além de um desserviço, é também um desrespeito com a criança. Já que o direito a esse acesso está garantido por lei, o que todos os envolvidos no processo educacional — como a família e a escola — devem fazer é estimular e incentivar a prática da leitura, buscando uma frequência que leve ao hábito de ler, ato tão importante e saudável na vida de toda criança.

Pelo exposto, a prática de leitura possui credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, é que, por meio desses conteúdos, poderá despertar a atenção da criança para as características da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica (MAIA, 2007).

E para que tudo isso aconteça, existe a necessidade de que as escolas refaçam a proposta de ensino diante da leitura, pois, além de repensar o sistema tradicional de leituras impostas, haverá a descoberta do que realmente o aluno quer e do que precisa para sua formação como leitor proficiente. Essa descoberta é essencial, porque cada leitor é único em suas experiências e vivências.

Assim, é a junção família e escola que fará com que a leitura tenha sentido na infância de qualquer criança e, conseqüentemente, produza um leitor, e não um ledor. Contudo, infelizmente, tanto família quanto escola têm fracassado com esse dever.

Em se tratando da escola, é necessário que a leitura também seja compatível à idade, que os textos sejam adequados às diversas etapas do desenvolvimento infantil, motivadores, para que despertem o fantástico, a curiosidade e o prazer por ler. Simplesmente colocar livros com lindas capas e feitos de materiais diferentes e coloridos como obrigatórios sobre a mesa da sala de aula não é a melhor opção; pelo contrário, a falta de vontade e a obrigação não promovem ações positivas nas crianças, não geram prazer em descobrir o mundo da leitura.

A escola, em várias situações, deixa de aproveitar a experiência ficcional iniciada em casa, no contato que as crianças têm com adultos e outras crianças, no momento em que se contam histórias, recitam-se parlendas, brinca-se de trava-línguas, observam-se seus primeiros gibis com as HQs. Experiência que, se bem aproveitada, deveria ser intensificada com a entrada da criança na escola. No diálogo professor-mediador/aluno-leitor, é preciso ainda superar a assimetria existente na relação criança/adulto, buscando instaurar outra relação que considere as características cognitivas, sociais e afetivas das crianças. Dessa forma, a literatura na infância, com seu potencial renovador característico da criação artística, pode proporcionar a ampliação da visão de mundo e um refinamento na compreensão de vivências por parte das crianças (CASTANHEIRA *et al.*, 2009).

No entanto, o que se observa é um constante jogo de empurra-empurra entre família e escola, cada qual deixando suas responsabilidades para a outra, e quem fica perdido e prejudicado nesse desencontro é o aluno. No fim dessa disputa, resta à escola toda a responsabilidade, e sua derrota nessa área significa a aniquilação dos leitores por meio da repetência, evasão, desgosto e ou frustração.

Como explica Maruny (2000), um dos maiores erros cometidos pela escola é dar prioridade ao ensino da gramática, deixando para segundo plano a prática da leitura. Mesmo quando a leitura é trabalhada, o processo tende a ser fragmentado, ou seja, a compreensão, um dos objetivos da leitura, acaba tornando-se a última etapa.

Sobre isso, Maruny (2000), enfatiza que, se a escola quer formar

leitores além de seus muros, precisa organizar-se em torno de um projeto claro com o qual toda a equipe escolar esteja comprometida. É fundamental ter uma constante ampliação do acervo, desburocratizar o acesso a textos diversificados e constituir-se em uma comunidade leitora.

Portanto, o crescimento intelectual dos estudantes dependerá de uma base bem estruturada, que englobe o empenho dos pais, dos professores, da escola e dos alunos. Todos devem estar em sintonia, trabalhando de acordo com as possibilidades e realidades existentes. Se forem respeitadas as diferenças e os diferentes tempos de aprendizagem, juntamente com o incentivo e a motivação, haverá uma possibilidade maior de se terem leitores, e não os chamados ledores.

Reforça-se, assim, a ideia de que a literatura na infância contribui ativamente no desenvolvimento do indivíduo à medida que permite o trabalho com temas que são essenciais à formação da cidadania. Dentre os variados gêneros textuais para tal resultado estão as HQs, porque apresentam textos com propostas lúdicas e envolventes, que tratam de temas diversificados e possuem recursos expressivos no auxílio da linguagem.

3. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Antes de se aprofundar o estudo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs), é relevante discorrer um pouco sobre os gêneros textuais, que se mostram como uma grande pluralidade de estruturas de textos, com particularidades, marcas e aplicabilidades singulares para cada momento do ato comunicativo.

A partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, o conceito de gênero conduziu os pesquisadores e educadores a ter um grande interesse pelo mesmo. De acordo com os PCNs, a unidade fundamental de ensino da Língua Portuguesa é o texto, sendo que “todo texto se organiza dentro de um determinado gênero” (BRASIL, 1997, p. 26). Para esse documento, a definição de gênero reporta-se a “famílias de textos que compartilham determinadas características comuns” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 7).

Desse modo, são exemplos de gêneros textuais: uma bula de remédio, uma carta, lista de compras, um bilhete, um cartum, uma receita, horóscopo, cardápio de restaurante, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, computador, instruções de uso, uma simples conta de luz e água, um calendário, uma HQ, porque cada um desses textos possui uma estrutura, uma marca textual e uma aplicabilidade individual.

Em outras palavras, de acordo com Marcuschi (2014), o termo gênero textual refere-se a textos materializados com os quais toda pessoa se esbarra em seu cotidiano e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Para ele, as principais características do gênero textual são:

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (MARCUSCHI, 2014, p. 4).

Conhecer as características do gênero textual é importante, porque o professor poderá trabalhá-lo na sala de aula, de forma a conduzir suas ações voltadas para as crianças como sujeitos sociais que se fixam em práticas letradas

diversificadas. Dessa forma, é primordial verificar os gêneros com os quais os alunos têm convivência diária e o que compreendem sobre eles.

Segundo Bakhtin (2011), os diversos gêneros são diferentes oportunidades para a expressão da individualidade da linguagem por meio de diferentes perspectivas da individualidade. Assim, muitos estudiosos na área da linguagem, tais como Kleiman (2010), Marcuschi (2014), Koch e Elias (2006), dentre tantos outros, averiguam essa questão e se dirigem a um ponto universal: é essencial que se nomeiem os gêneros textuais sob um ponto de vista amplo de ação e circulação, como instrumento de trabalho e de análise, juntamente com a prática diária do ensino da Língua Portuguesa no recurso referente ao processo de formação do aluno leitor.

Como já foi dito, todos os textos se expressam sempre num ou noutro gênero textual, tanto que os PCNs possuem como princípio que o texto deve ser realizado baseando-se em gêneros, podendo ser orais ou escritos. Segundo Marcuschi (2014), o trabalho do professor para com um aluno-leitor, quando praticado por meio de gêneros, será um modo de dar conta do ensino voltado à proposta perpetuada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de ter-se a oportunidade de averiguar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais genuínos sem violar a criação de gêneros que circulam apenas no mundo escolar.

Um gênero textual interessante — de que as crianças gostam por ser um passatempo divertido — é a HQ. Ele é um texto diferente e prazeroso de ler pelas crianças e adolescentes, sendo que vale evidenciar que os PCNs, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE, 1997) reafirmam a relevância de esse público interagir com diversos tipos de texto. Outro fator importante é que a relação entre texto e imagem está cada vez mais evidente em diferentes gêneros, portanto, torna-se necessário ensinar como ler a imagem também.

3.1 Esboço histórico do gênero textual História em Quadrinhos

De acordo com Engster (2008), na Europa no século XIX, ocorriam publicações em jornais na forma de caricaturas, juntamente com textos, para criticar

os políticos. Depois de certo tempo, esses textos foram destacados em balões, dando início a um dos elementos caracterizadores das HQs, os Comics².

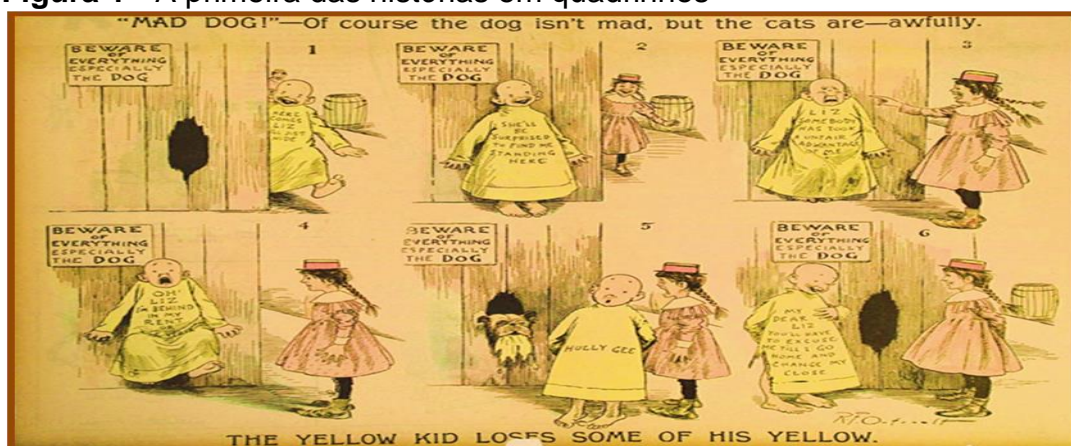
Segundo Cirne (1972 apud ENGSTER, 2008), os Comics surgiram da relação de competição jornalística entre William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer, pelo fato de que o número de exemplares dos jornais estabelecia o aumento das grandiosas verbas publicitárias, e as HQs seriam uma novidade para cativar mais leitores.

Entretanto, foi apenas no final do século XIX, em 1885, que despontou uma das personagens mais expressivas, sendo estabelecida como a primeira das HQs, denominada de Yellow Kid, de Richard Outcault. Como pôde demonstrar Moya (2006), na data de 5 de maio de 1885, surgiu o primeiro personagem fixo semanal e, simultaneamente, o aparecimento das HQs e o “jornalismo amarelo”, para a imprensa sensacionalista, devido ao camisolão do “Menino Amarelo” (FIGURA 1).

A tirinha de Richard Outcault foi de tanto sucesso na época que os grandes jornais de Nova Iorque guerrearam para conseguir obter o Yellow Kid (FIGURA 1).

Moya (2006), explica que o formato de narrar história de Richard Outcault não aparecera de sua criatividade e de um momento para o outro, porém das pinturas rupestres realizadas pelos homens pré-históricos, que as desenhavam com o intuito de contar o que viviam naquela época. Portanto, para o autor, essas seriam as primeiras raízes das HQs. A diferença entre os desenhos primitivos e os de Outcault é que, nos primeiros, não havia texto, mas desenhos em sequência.

Figura 1 - A primeira das histórias em quadrinhos



Fonte: Miranda, 2014.

² Há muito tempo, nos Estados Unidos da América e na Europa, começaram a ser produzidas histórias em quadrinhos, as quais foram denominadas de Comics. Eram histórias de todos os gêneros, sendo o de maior destaque o de ação.

É importante esclarecer que houve pioneiros antes de Outcault, como o suíço Rudolph Töpffer, o francês Georges Colomb e o italiano Angelo Agostini, que juntavam texto com imagens, no entanto não utilizavam balões com as falas, como as tirinhas de Yellow Kid. O italiano Angelo Agostini morava no Brasil e com suas caricaturas e charges políticas, relacionadas à Era de Dom Pedro II, chamava a atenção da sociedade da época (MOYA, 2006).

Já no século XX, meados da década de vinte, surgiram, no Japão, revistas de HQs com histórias inéditas, sendo criadas e editadas toda a semana. No ocidente, na década de trinta, as tirinhas eram dispostas em revistas, possuindo como gêneros a aventura, a ficção científica e o policial. Exemplo: Flash Gordon, de Alex Raymond; Dick Tracy, de Chester Gould e a adaptação de Hal Foster para o Tarzan, de E. R. Borroughs, são conhecidos como o início de *A Era de Ouro* (Golden Age)” (JARCEM e NASSAU, 2007, p. 2-3, grifos nossos). Tarzan era a história sem balões e totalmente voltada à aventura na selva.

Na década de 30, também emergiram Mickey Mouse e Pato Donald, que, para Moya (2006, p. 43), foi o momento em que “surgiram alguns dos mais importantes personagens dos quadrinhos, motivo da ideia de massificação e visão cosmopolita dos heróis e sua mitologia, suas figuras fetichistas em ícones gráfico”.

Além de HQs com animais, surgiu, também, o Super-Homem, invenção de Jerry Siegel e Joe Shuster, que foi o precursor dos demais quadrinhos de super-heróis.

Em 1947, foi criado o Tio Patinhas, por Carl Barks. Desse modo, foram surgindo outras HQs, as quais fizeram com que as crianças se divertissem e desenvolvessem, a cada dia, mais admiração por cada personagem que fosse aparecendo. Até porque, de acordo com Oliveira (2008, p. 2), “as histórias em quadrinhos também são leituras lúdicas pela junção das imagens com conteúdos dos textos, possibilitando uma melhor compreensão do assunto narrado”.

No Brasil, as HQs produzidas, em sua maioria, tiveram influência de vários elementos estrangeiros, contudo algumas se mostraram originais, sendo influenciadas pela cultura nacional.

Conforme explicitado, as HQs no país tiveram seu início por meio do trabalho do artista e jornalista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, a partir de 1867, que realizava ilustrações, caricaturas e charges criticando a política da época. Também

produziu histórias como as de Nhô Quim (1869) (FIGURA 2) e Zé Caipora (1883) (SANTOS, 2008).

Figura 2 – O início das peripécias de Nhô Quim, de Ângelo Agostini.



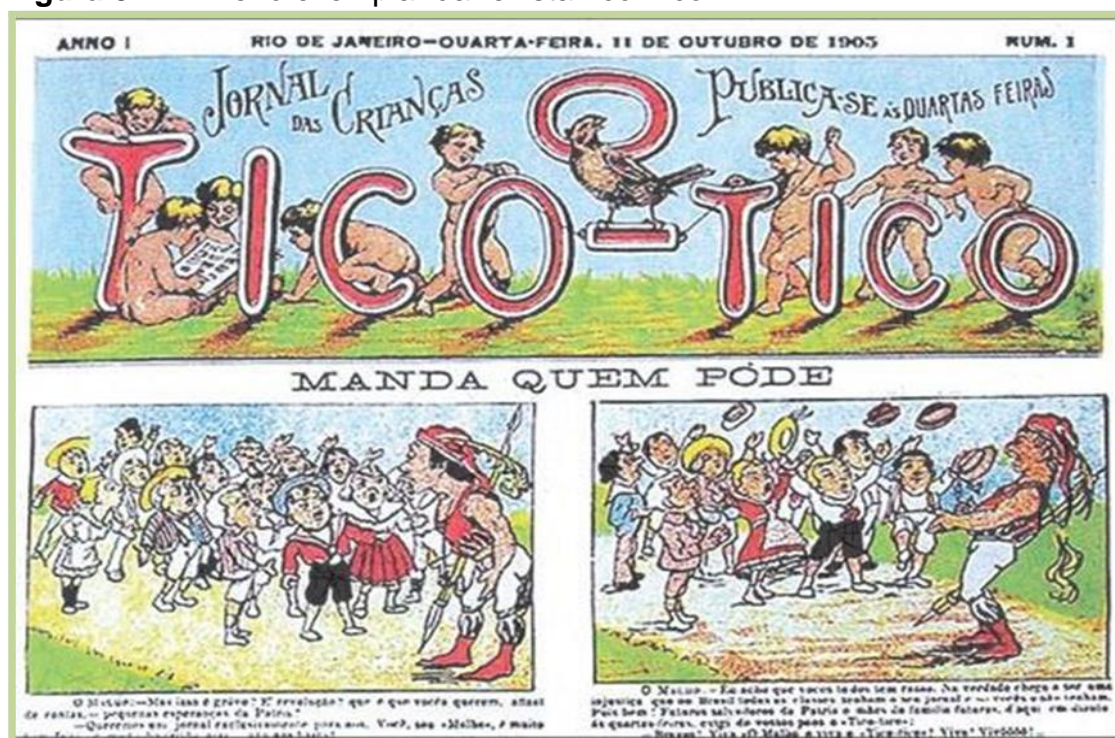
Fonte: Santos, 2008, p. 8.

Como se pôde notar, Agostini realizava as HQs com formato de quadrinhos, e o texto era disposto abaixo dos desenhos, tal como era realizado na Europa na época.

Angelo Agostini também desenvolveu o primeiro logotipo para a revista O Tico-Tico. Lançada em 1905, O Tico-Tico possuía uma linguagem fácil, além das histórias nele contadas serem engraçadas e fantasiosas, as quais todos os leitores compreendiam e gostavam e, conseqüentemente, resultando em sucesso por várias décadas. Assim, Vergueiro (2004) comenta que o primeiro exemplar de O Tico-Tico foi nomeado desse modo pela Sociedade O Malho, do Rio de Janeiro. Era uma publicação ajustada com a época, portadora de uma ideia séria de conduzir ao divertimento e à instrução a criança brasileira.

A Tico-Tico (FIGURA 3), foi produzida até o início da década de 1960, sendo que havia escritores, como Luiz Gomes Loureiro, Augusto Rocha, Max Yantok, Alfredo e Oswaldo Storni, Luiz Sá, entre outros, que divertiam os leitores com figuras, como Juquinha, Lamparina, Chiquinho, Barão de Rapapé, Zé Macaco e Faustina, Réco-Réco, Bolão e Azeitona.

Figura 3 – Primeiro exemplar da revista Tico-Tico



Fonte: Santos, 2008, p. 9.

A Tico-Tico era tão lida, que se tornou o presente de Natal favorito das crianças durante seus anos de publicação.

Hoje, a HQ mais adorada no Brasil é A Turma da Mônica, surgida em 1959, na Folha de São Paulo, por meio de seu repórter Mauricio de Sousa, o qual, de início, fez tiras do cão Bidu e de seu dono Franjinha. Nos anos seguintes, foram nascendo outros personagens, como Cebolinha, Astronautas e Penadinho, sendo que, até esse momento, Mauricio de Sousa não havia criado nenhuma personagem feminina. Eis a explicação para isso: os primeiros personagens que ele havia criado, até o momento referido, eram todos homens:

Todos meninos molecada, mas alguém me chamou a atenção dizendo que só tinha histórias de moleque, isso porque fui moleque. Então percebi que não sabia escrever histórias sobre mulheres, nunca fui mulher e não saberia escrever sobre o que elas estavam pensando. Foi neste momento que resolvi olhar para minhas filhas. (SOUSA apud G1, 2013).

Assim, Mauricio de Sousa cria Mônica em 1963, personagem que se tornou deveras admirada pelas crianças, além de um público de qualquer idade, pelo seu jeito bravo e engraçado de ser. Logo após Mônica, veio Magali, sendo ambas

inspiradas nas filhas do artista. Em 1970, lançou a revista da Mônica, tendo uma tiragem inicial de 200 mil exemplares.

Em 1972, foi lançado o gibi Cebolinha e, mais tarde, Chico Bento, Cascão e Magali, e, assim, essa turminha foi encantando leitores. Atualmente, ela é conhecida no mundo todo.

É importante frisar que, praticamente, todos os personagens de Mauricio de Sousa são inspirados em pessoas reais. Diante de tantos personagens, ele caracterizou cada qual com um ponto diferenciado, sempre enfatizando os desafios diários de uma criança. Suas histórias tratam muito do preconceito, da diferença, justamente porque, segundo Mauricio, fizera as HQs também para ajudar na educação das crianças, exemplo evidente são os personagens: Luca, que necessita de cadeira de rodas; Dorinha, garota cega; e Humberto, um deficiente auditivo. Aqui se enfatiza a inclusão no meio dos personagens de Mauricio.

Na década de 80, os grandes jornais começaram a publicar tirinhas de renomados autores nacionais, como Miguel Paiva (Radical Chic), Glauco (Geraldão), Angeli (Chiclete com Banana), Luís Fernando Veríssimo (As Cobras), entre outros.

Em março de 2013, Mônica completou 50 anos, sendo realizada uma comemoração à altura dessa personagem: muitas revistinhas especiais, eventos, programação própria (G1, 2013).

Entretanto, as HQs não são apenas A Turma da Mônica. Em 1980, o cartunista Ziraldo lançou o livro *O Menino Maluquinho*, do qual o personagem foi adaptado para os quadrinhos, sendo publicado entre 1989 e 1994; em 2006, houve o lançamento da revista da *Cuca do Sítio do Picapau Amarelo* (grifos nossos).

Logicamente que há inúmeras HQs no Brasil, mas não de cunho nacional, como, por exemplo, os personagens de Walt Disney, heróis das americanas Marvel, DC e Image, entre outros.

3.2 Composição estrutural das Histórias em Quadrinhos

As HQs são constituídas de alguns elementos, como quadrinhos, balões, onomatopeias, ritmo visual, legenda, linhas e traços, cores e outros. Entretanto, há algumas que são construídas sem parte dessa estrutura, até porque as primeiras HQs eram compostas apenas por imagens.

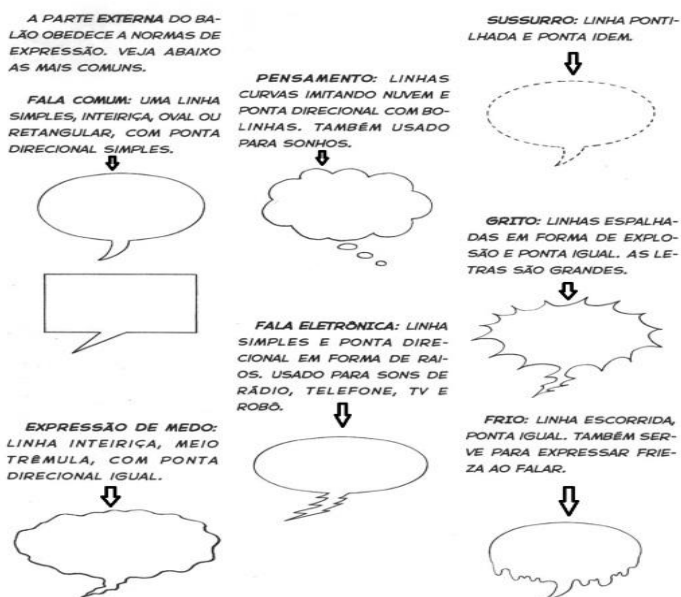
Atualmente, as HQs podem ser definidas, de acordo com Moya (2001, p. 56), como “um conjunto e uma sequência, compostas por quadros que combinam dois meios de comunicação diferentes: o desenho e o texto”. Abaixo, a composição estrutural das HQs, segundo alguns estudiosos.

a) O quadrinho — também denominado de requadro. É esse componente que emoldura o espaço onde ocorre a cena e, conseqüentemente, delimita uma da outra. Ali ficam os personagens, os cenários, entre outros elementos. “O formato mais comum dos quadrinhos é o retângulo, mas, atualmente, as HQs publicadas em revistas, principalmente as de super-heróis, utilizam quadrinhos com formatos bastante arrojados” (SANTOS e GANZAROLLI, 2011). À vista disso, os quadrinhos podem ser utilizados também como elemento informativo na leitura, a fim de provocar um impacto no leitor no momento da ação da história.

b) Balão — é o elemento da HQ responsável por transmitir falas, diálogos, pensamentos dos personagens, monólogo. Oliveira (2013) explica que cada formato define seu tipo de uso. Por exemplo, um balão totalmente redondo, que é o mais comum, exprime a ideia de que as personagens estão tendo uma conversa normal. O balão com formato de nuvem dá a ideia de pensamento. Já a representação de uma personagem gritando ou som de qualquer máquina, usualmente, é feita por meio do balão “rabiscado”. Desse modo, um balão pode expressar grito, raiva, susto, medo, amor, frio, conforme se pode verificar abaixo.

Figura 4 – Modelos de balões de HQs

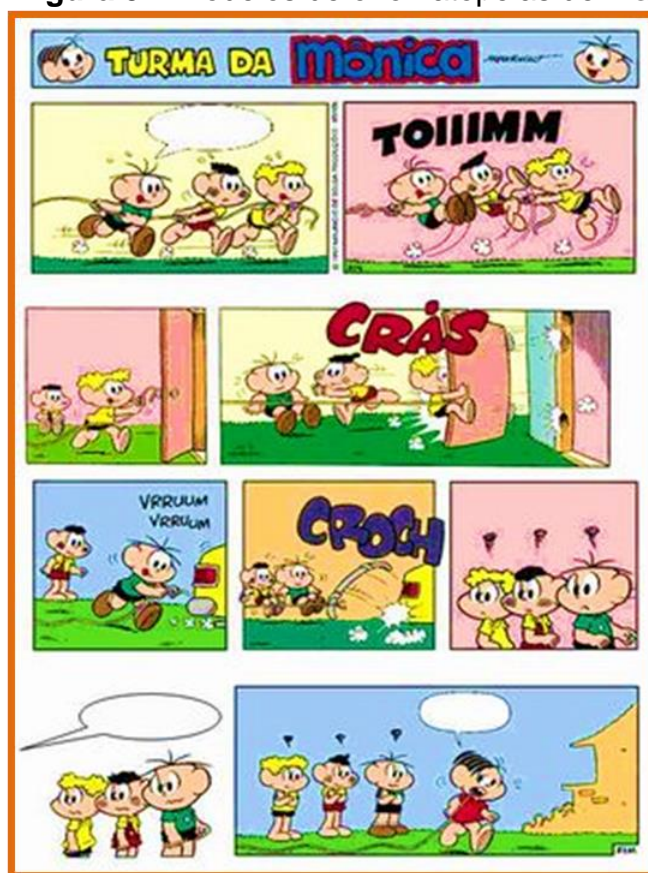
MODELOS DE BALÕES



Fonte: Oliveira, 2013.

c) Onomatopeia — assim como os balões, a onomatopeia dá riqueza na linguagem das HQs, pois o ruído, o som nos quadrinhos não é apenas sonoro, mas visual, como, por exemplo, um “crás”, um “puf”. Essa figura de linguagem deixa a HQ mais divertida, real e por isso mais fácil de ser compreendida. Entretanto, há alguns autores que não a utilizam, simplesmente por não a admirarem. É representada fora dos balões e sempre próxima da pessoa ou coisa que a emitiu. Há uma extensa variedade de onomatopeias, e a maioria das palavras utilizadas nelas são interjeições (OLIVEIRA, 2013).

Figura 5 – Modelos de onomatopeias de HQs



Fonte: Machado, 2009.

d) Legenda — nas HQs, esse elemento simboliza a voz onisciente do narrador. Na maioria das vezes, é empregada no início da história e realizando a ligação de um quadro para com o outro. Na legenda também está descrito algum acontecimento passado ou presente, alguma informação adicional ou algum elemento fora da cena da ação (LANIUS, 2014). Quando a legenda é muito ampla, ocupa um quadrinho todo.

e) Linhas e traços — também denominados de linhas cinéticas. Santos (2003) acentua que esses elementos das HQs “indicam o movimento dos personagens ou a trajetória de objetos em plena ação, tais como automóveis e outros meios de locomoção, balas que saem de pistolas, pedras atiradas por alguém, entre outros”.

f) Cores — são elementos primordiais para a linguagem das HQs, pois muitas informações são manifestadas por meio das cores, como, por exemplo, personagens como o Incrível Hulk. (MAIA, 2007).

Nas HQs há uma linguagem mista: linguagem verbal e não verbal. No quadrinho abaixo, percebe-se nitidamente essa característica quando a *Mônica* fala (verbal) e quando a personagem gesticula e olha (não verbal) (OLIVEIRA, 2013, grifos nossos).

Figura 6 – Exemplo de linguagem nas HQs



Fonte: Oliveira, (2013, p. 34)

Em se tratando das personagens, na maioria das HQs, quase sempre há um protagonista fixo. Nas histórias de aventura e de super-heróis, comumente, utiliza-se o mesmo tipo de roupa para retratar o protagonista, o que faz com que o leitor identifique-o.

3.3 A influência das HQs na formação do leitor

Como foi visto, ler é uma atividade que conduz ao imaginário, influencia no despertar de sensações e, além disso, convida o leitor a ser crítico (CARVALHO; OLIVEIRA, 2004).

A leitura exerce papel fundamental não só nos primeiros anos escolares como também em toda a vida do indivíduo. Por isso, é preciso que se incentive o gosto de ler, em todas as classes sociais, desde a mais tenra idade, sobretudo na escola pública, que atinge o maior percentual da população.

Mediante a visão de Maia (2007), seja pela força imperativa da tradição, seja pela valorização conferida à leitura como instrumento de integração e participação nos quadros culturais da sociedade em que se vive, seja, ainda, pelo triunfo e expansão dos ideais democráticos, ou por tudo isso reunido, o fato é que a

leitura, tanto nas escolas de ontem como nas de hoje, tanto nas escolas tradicionais de “ler, escrever e contar”, quanto nas escolas progressivas, cuja finalidade essencial é a formação da criança, vem sendo sempre considerado como problema fundamental. E isso porque tem um âmbito funcional que transcende o Ensino Fundamental, que ultrapassa o Ensino Médio, que vai além mesmo da universidade, estendendo-se pela vida afora, por ser técnica fundamental da cultura.

Rego (2005) assevera que a extraordinária expansão dos meios audiovisuais, rádio, televisão, cinema, ainda não restringiu a importância da leitura, isso porque, apesar de todo o aperfeiçoamento alcançado, eles são apenas instrumentos subsidiários da cultura, servem para facilitar a compreensão pela base física que oferecem aos símbolos, mas não podem substituir a leitura. O ato de ler envolve uma elaboração pessoal, um processo mental profundo e duradouro. Assim, professores que querem algo inovador para seus alunos devem trabalhar com diversos gêneros textuais, como, por exemplo, as HQs.

E não é por menos que essa escolha tem sido feita. Segundo Vergueiro (2005), as HQs e o cinema são o meio de comunicação de massa mais importante do século passado, desenvolvidos após a década de 30 de forma mundial.

Para Alves (2011), a HQ é um meio de comunicação de massa, cujas histórias são narradas por meio de imagens desenhadas e texto inter-relacionados. Além de informar e entreter, elas têm, junto a outros meios de comunicação de massa, um papel na formação da criança. É transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor.

As HQs motivam o leitor a procurar outros tipos de gêneros textuais para lerem, além de outras obras, que, juntamente, são bastante enriquecedores para estimular a imaginação e oferecer prazer no momento da leitura, conduzindo à formação do leitor (IANNONE; IANNONE, 2004).

Santos (2001, p. 48) reforça que “a História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras”. Para o autor, as HQs são de grande valia no que tange ao processo que conduz à consolidação do prazer de ler, pelo fato de que, ao interagir com as páginas de uma HQ, esse mesmo leitor pode se sentir motivado a procurar um livro impresso.

Paiva (2001), também corrobora que “os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura. Hoje em dia, sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, jornais e de livros”.

Outro ponto a destacar é que “Gilberto Freyre foi um dos maiores defensores dos quadrinhos no Brasil, classificando-os como sendo uma ‘ponte para a literatura’” (MARTINS e PEREIRA, 2013). Apesar de que, para educadores do século passado, as HQs eram vistas com certa desconfiança no sentido de que esses gêneros textuais influenciavam o modo de ser e agir das crianças, portanto, não eram meios benéficos para levar a uma educação de qualidade. E, com isso, até as bibliotecas daquela época não acatavam as HQs em seu acervo.

Contudo, mesmo havendo essas divergências, as HQs foram encontrando seu caminho rumo a um tipo de linguagem que, com o tempo, ficou conhecida popularmente, pois a quantidade de leitores só fez crescer e, desse modo, as críticas foram tornando-se menores, mediante o número de exemplares que foram sendo vendidos e de renomados educadores, pesquisadores, estudiosos do assunto, tais como Gilberto Freyre, os quais foram agraciando esse tipo de gênero textual.

E como revela Vergueiro (2004), as HQs, hoje, representam, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Nos quatro cantos do planeta, as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, às vezes, até mesmo milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansioso por novidades.

Por conseguinte, as HQs já não são vistas com preconceito, mas como material de estudo, propiciando divertimento a inúmeras crianças e jovens e, conseqüentemente, possibilitando que tenham prazer em ler, que sejam leitores. Em razão disso, as HQs têm tido imensa relevância e eficácia nos trabalhos escolares, oferecem suporte a várias aulas, desde Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Arte e até Matemática, fazendo com que o aprendizado seja reflexivo, mas divertido e prazeroso nas salas de aula (HAMZE, 2008).

Além disso, as HQs são capazes de promover a interdisciplinaridade, e são ferramentas essenciais no processo da alfabetização.

Em vista do exposto, Martins (2004 *apud* SILVA; BERTOLETTI, 2011) explica que, dentre os gêneros textuais, as HQs têm se sobressaído como recurso que auxilia o processo de formação da criança leitora, por se tratarem de textos com muita ação, diálogo, dotados de uma linguagem simples, contudo apropriada ao mundo sociocultural dessa criança, com desenhos divertidos e engraçados, cores vibrantes, expressões fisionômicas, variadas onomatopeias. Contendo todo esse conjunto, tal gênero aguça a vontade de as crianças lerem, almejando descobrir os encantos expostos e implícitos que permeiam as HQs. Por consequência, constituir-se-ão leitores proficientes, não apenas “letores”.

Fogaça confirma esses dizeres:

Este tipo de “literatura” muito contribui para a formação de leitores competentes, pois sua linguagem (ação narrativa) empolga e satisfaz as crianças, não cansa, como acontece muitas vezes nas leituras obrigatórias e, ao adaptar-se ao seu nível intelectual e ao seu interesse, rompe as barreiras que existem contra a prática de leitura, sendo um eficiente instrumento para despertar o gosto por ela (FOGAÇA, 2003).

As HQs realmente provocam mais interesse nas crianças pela leitura, pelo fato de serem maravilhosas ferramentas no processo educativo, compreendendo-se que educar não é somente repassar conhecimentos, através de regras a serem seguidas, mas possibilitar as relações cognitivas e a construção do conhecimento que esse tipo de gênero textual oferece sobre a sensação agradável da leitura, o prazer real de ler.

Esse prazer deve ser motivado desde a tenra idade da criança, e as HQs, por isso, também são uma ótima opção para iniciá-la na leitura. A criança que cresce ouvindo histórias, vendo seus pais sempre lendo, buscando informar-se, crescer culturalmente, certamente terá mais chance de se desenvolver, criando o hábito da leitura e gostando dele.

A formação de leitores é uma questão que professores, pedagogos e órgãos ligados à educação tentam responder há anos. Não depende somente da escola e dos professores de língua materna. O incentivo à leitura deve partir dos pais, das pessoas mais próximas à criança. Então, em casa, os pais podem ler para a criança, despertando-lhe a curiosidade, a vontade de aprender a ler, a fim de se tornar autônoma quanto à leitura, podendo, ela própria, ler suas HQs quando desejar. Esse processo leva a criança à consolidação da prática e do prazer de ler.

Segundo Azis Abrahão (*apud* Santos, 2001, p. 47), “a História em Quadrinhos, denominada por ele literatura em quadrinhos, agrada as crianças, uma vez que atende a sua necessidade de crescimento mental”. Nessa fase da infância, a leitura deve ser extremamente motivadora, incrementada e prazerosa, e as HQs são.

Na escola, as HQs, quando bem utilizadas pelo professor — que, como já foi dito, não precisa ser necessariamente o de Língua Portuguesa, pois esse tipo de gênero textual se encaixa perfeitamente em todas as disciplinas —, são aliadas do ensino. É que a junção do texto com a imagem traz a compreensão dos conceitos que ficariam abstratos se expostos apenas com as palavras, portanto, traz à criança uma sensação de leitura fácil, que lhe possibilita surpresa, conduzindo-a ao improvável, aos seus interesses comuns (abrangendo os jogos e a brincadeira), portanto, ao lúdico (FOGAÇA, 2003).

Ademais, a utilização das HQs na infância como meio de desenvolver o hábito prazeroso pela leitura é também amparada pela opinião de Alves (2009), que aponta que a leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura, porque, ao ler histórias em quadrinhos, a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar dessas crianças, estas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança, para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma criança para quem essa atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha.

Portanto, tudo que é imposto e não é do interesse da criança, como, por exemplo, iniciar seu processo de leitura com textos maçantes, sem a presença do lúdico, das cores, das onomatopéias divertidas e do entretenimento, torna-se enfadonho e, por conseguinte, faz com que a criança fuja da leitura, tenha o desprazer de sentar e ler, podendo não desejar ler qualquer gênero textual.

É interessante comentar que qualquer gênero textual que o professor for trabalhar, deve ter um objetivo, pois daí fluirá o desejo da criança em querer saber mais e mais, e, conseqüentemente, terá que ler para saber (OLIVEIRA, 2013).

Sob essa ótica, no próximo capítulo, serão apresentadas atividades como sugestão de trabalho com as HQs no Ensino Fundamental I, visando articulá-las com a prática de leitura significativa na instituição de ensino.

4. SUGESTÕES PEDAGÓGICAS PARA O TRABALHO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

A formação de leitores é uma questão que professores, pedagogos e órgãos ligados à educação tentam responder a anos. Não depende somente da escola e dos professores de língua materna. O incentivo à leitura deve partir dos pais, das pessoas mais próximas à criança. A criança que cresce cercada por leitores tem maior probabilidade de desenvolver o hábito da leitura.

De acordo com Zilberman (2006), a escola, por sua vez, deve desempenhar seu papel com maestria, criar o cantinho da leitura, deixar livros, gibis, revistas, panfletos sempre à disposição, propondo que as próprias crianças escolham o que querem ler e incentivar essa prática. O importante é que elas aprendam a ler com alegria e prazer, e não apenas por obrigação.

Quando as crianças não sabem ler, os pais podem começar a ler HQs para os filhos, até durante o período de gestação. E ao irem para a pré-escola, os alunos devem encontrar o cantinho da leitura na sala de aula, estruturado de forma bem aconchegante, decorado e com uma variedade grande de HQs. Entretanto, o professor deve se atentar quanto à compatibilidade do material e à faixa etária da criança, para não assustar e não afugentar os futuros leitores.

Quando o professor for contar HQs, essas devem ser lidas com antecedência, para que o docente saiba interpretar naturalmente a história e, conseqüentemente, direcionar a leitura de um modo atrativo, utilizando entonação de voz adequada, gestos e expressões fisionômicas necessárias para que a criança viaje junto com as personagens.

A leitura feita dessa maneira pelo professor traz muitos benefícios, faz com que as crianças queiram ouvir e se concentrar; aguça a curiosidade, além de tê-lo como modelo de um bom leitor (MOREIRA, 2008).

O professor pode selecionar alguns gibis para realizar uma feira, também solicitar a seus alunos que tragam alguns que tenham em casa e expô-los juntamente com os seus. Essa atividade poderá ser realizada em sala de aula ou envolver toda a escola.

Em se tratando de crianças não alfabetizadas, o professor deve levá-las ao mundo da fantasia, visto que, por meio de narrações de histórias, irá despertar-lhes o desejo, a curiosidade de ler.

É interessante que, no momento da leitura recreativa, as crianças tenham autonomia para falar sobre outros rumos para as HQs, enfim, para aquela história que está sendo contada, dramatizada pelo professor. E após tal atividade, o professor deve sugerir um bate-papo com as crianças sobre a HQ que tiverem lido, além de promover desenhos, caça-palavras, jogos e brincadeiras relativas ao texto.

Também é relevante que as crianças possam escolher um lugar diferente para a leitura, sem ser a sala de aula: no pátio, debaixo de uma árvore, fazer um cantinho próprio (mesmo dentro da sala de aula ou em casa).

Outra boa atividade consiste em o professor solicitar às crianças, após lerem a HQ, que criem novas ilustrações, novos diálogos, diferentes onomatopeias, utilizando material disponível, como: sucatas, papel, tecido, recortes, dobraduras. Depois, os trabalhos poderão ficar expostos em um cantinho de leitura (LAJOLO, 2005).

A "Hora da Leitura Espontânea" também deve ser criada na sala de aula, a fim de que as crianças que terminam alguma atividade individual, possam se utilizar dos gibis enquanto os outros completam a tarefa.

As crianças em grupos de 2 ou 3 poderão ler a mesma HQ e, depois, cada grupo apresenta aos colegas de forma criativa trechos com dramatizações, ilustrações, entre outras coisas.

Lajolo (2005, p. 45) sugere que toda a turma tenha um mesmo gibi, participando, depois, de um trabalho criativo orientado pelo professor:

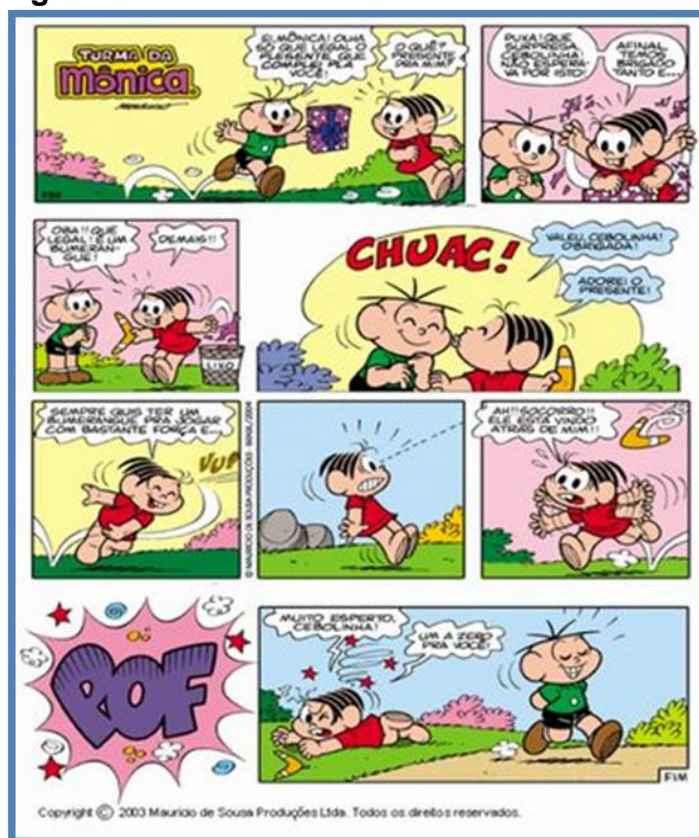
- a) leitura do gibi e debate com a participação de todos;
- b) dividir a sala em grupos para os alunos serem motivados a criar através de: confecção de máscaras para a dramatização da história; dramatização da HQ ou adaptações de algumas cenas utilizando fantoches; desenhos, recortes, dobraduras, murais sobre a HQ; colagens com sucatas: sementes, papéis, retalhos de tecido e outros materiais coletados pelos alunos, para ilustrar um painel sobre a HQ; murais coletivos com colagens, desenhos utilizando papéis de revistas e jornais, papel pardo, fantasia e outros, reproduzindo cenas do gibi ou indo além dele; criação de cenários sugeridos pela HQ, utilizando sucatas: papelão, caixas de papelão, pedaços de madeira e outros; confecção de cartazes com reproduções de

ilustrações da HQ com poemas e músicas criadas pelas próprias crianças, relacionadas com o tema do livro; reproduzir, em painéis de papel pardo, jornal ou de computador, trechos mais interessantes das HQs, com ilustrações ou não para serem expostos na parede ou no varal da sala de aula; criação de fantoches baseados nas personagens da HQ, feitos com sucatas: caixas de papelão, vidro de iogurte, palito de picolé, vidros de plásticos, sacos de papel, meias.

Mesmo diante de todas essas propostas de incentivo à leitura por meio das HQs, pais e educadores enfrentam grandes desafios para que as crianças realmente se tornem leitores por desejo, e não por obrigação. Assim, pretende-se mostrar na prática a aplicação de algumas HQs frente às crianças não alfabéticas e alfabéticas.

a) O professor deve distribuir, para os alunos, a seguinte HQ:

Figura 7 – Atividade com Turma da Mônica



Fonte: Freitas, 2013.

Por meio dessa HQ, o professor, de acordo com Freitas (2013), poderá desenvolver as seguintes atividades:

1) dizer aos alunos para cobrirem as imagens e lerem somente a linguagem verbal da HQ. Depois, pedir que eles cubram os balões de fala e leiam apenas a linguagem não verbal. Debater com eles em que medida uma complementa a outra. Induzir os alunos a compreenderem que, em grande parte das HQs, a narrativa se faz por meio da conjugação entre as imagens e os diálogos das personagens;

2) pedir que os alunos reconheçam quais são as falas da Mônica e quais são as falas do Cebolinha. Orientar os alunos a compreenderem que as falas das personagens estão localizadas nos balões. No interior dos balões também podem vir imagens, sinais de pontuação ou símbolos. Os balões mudam de formato de acordo com o modo que a personagem se manifesta, por exemplo, através do grito, sussurro, pensamento ou surpresa, medo, cansaço. As palavras são repassadas com letra de fôrma, maiúscula, desenhada à mão. Contudo, se, por exemplo, quiser revelar que a personagem está brava, irritada, muda-se o tamanho, a cor ou a forma das letras. Veja alguns exemplos de balões:

Figura 8 – Exemplos de formatos de balões.



Fonte: Freitas, 2013.

3) solicitar aos alunos que verifiquem, na HQ passada a eles, como foram representados os sons do beijo que a Mônica deu no Cebolinha (“CHUAC!”);

do lançamento do bumerangue (“VUP”); da colisão do bumerangue com a Mônica (“POF”). O professor deve explicar que cada um desses barulhos, que revelam sonoridade às imagens, são denominados de onomatopeias. Motivar a sala de aula, perguntando se alguém se lembra de alguma onomatopeia. Caso não digam nenhuma, o professor revela algumas, como por exemplo, barulhos da rotina dos alunos, como “BLIM! BLOM!” (campainha), “TRIMMM” (telefone, despertador), “TOC! TOC! TOC!” (batidas na porta);

4) o professor pode pedir para que as crianças verifiquem, na HQ trabalhada com elas, as palavras ou expressões que demonstram emoção, como, por exemplo, OBA!!!, PUXA!!!, AH, SOCORRO!. Depois, deverá explicar a elas que essas expressões são denominadas interjeições. Motivar a sala de aula, perguntando se alguém se lembra de alguma interjeição. Caso os alunos não digam nenhuma, o professor revela algumas, como, por exemplo, UI, PSIU!, UFA!;

b) após trabalhar com os alunos sobre os elementos da linguagem das HQs, o professor, em outra aula, pode distribuir algumas revistas para a sala e pedir aos alunos que:

- copiem em seus cadernos as onomatopeias e interjeições encontradas e, ao lado ou embaixo delas, identifiquem o som ou o ruído expresso pelas onomatopeias e os estados emocionais revelados pelas interjeições;

- procurem diferentes formatos de balões, copiem-nos para o caderno, de forma ampliada, e expliquem o que cada um indica. Exemplos: se muitas personagens falam ao mesmo tempo, se alguma sussurra, ou grita, ou está pensando etc.;

- procurem legendas e indiquem seus diferentes usos a partir da informação que trazem.

c) Outra aula interessante seria o professor trabalhar com as crianças tirinhas (FIGURA 9) e, então, pedir que os alunos observem a expressão do rosto e do corpo das personagens do texto, assim como as ações que elas estão praticando. Em seguida, pedir que criem balões, onomatopeias, interjeições e legendas para compor cada quadrinho. O professor deverá explicar aos alunos que a linguagem utilizada nas HQs é informal, parecida à utilizada no dia a dia, e que as frases comumente são curtas (FREITAS, 2013).

Figura 9 –Tirinha de atividade



Fonte: Freitas, 2013.

As atividades a, b e c podem ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segundo Freitas (2013), os alunos poderão: averiguar elementos que determinam a linguagem das histórias em quadrinhos, como, balões, onomatopeia, interjeição, legenda; perceber o sentido de uma palavra ou expressão; identificar o efeito de sentido resultante da utilização da pontuação e de outras notações; estipular relações de continuidade temática entre os quadrinhos; interpretar textos que conjugam duas linguagens — a verbal e a não verbal.

Abaixo, outras propostas de aulas interessantes com HQs.

a) O professor, todo animado, chega e pergunta aos alunos: vocês gostam de história em quadrinhos? Já ouviram falar na Turma da Mônica? Já ouviram ou leram, em algum lugar, os nomes Cascão, Cebolinha, Magali, Chico Bento, Zé Lelé? Então, observem a capa desta revista. E, logicamente, mostra a revista (FIGURA 10) a todos.

Figura 10 – Revistinha de Atividade

Fonte: Brasil, 2007, p. 15.

De acordo com Brasil (2007), ao apresentar a revista à sala de aula, o professor poderá realizar perguntas: Você sabe quem são esses dois personagens que aparecem na capa da Revista? Para você, o nome que aparece no alto da revista é o nome de uma das personagens? Dos três meninos, qual parece surpreso com a situação? O que você acha que os meninos da esquerda e da direita fizeram? E a menina? Ela parece preocupada, zangada, tranquila? Você acha que os meninos fizeram alguma coisa com ela?

Após tais questionamentos, o professor deve falar as principais características de cada uma das personagens que estão na capa (FIGURA 9) de forma bem enriquecedora e divertida. Essa ação ajudará aquele aluno que nunca tenha lido uma HQ, ou mesmo que lê, mas não presta atenção aos nomes das personagens da Turma da Mônica, ou que, apesar de ter acesso a gibis, não sabe ler imagens de uma forma adequada.

Depois de um longo bate-papo a respeito da capa da revista, os alunos devem ter trocado muitas informações entre si e entre o professor sobre as

personagens. Assim, estarão preparados para relatar suas descobertas relativas às personagens.

Figura 11 – Personagens da Turma da Mônica



Fonte: Brasil, 2007.

A atividade pode ser adaptada com outras revistas, não precisando ser necessariamente da Turma da Mônica, desde que esteja condizente com a faixa etária com a qual o professor irá trabalhá-la. É interessante que o professor leve outras revistas para a sala de aula, para que os alunos manuseiem-nas.

b) Esta atividade é extremamente divertida. Trata-se de uma tirinha de Chico Bento, na qual ele está manhoso e não quer comer. Tal atividade pode ser trabalhada com crianças de oito e nove anos.

Assim, o professor inicia a aula, dizendo que é muito comum encontrarmos crianças manhosas que não gostam de comer as coisas mais saudáveis. Mas, a esperteza da mãe de Chico Bento é apresentada de modo engraçado. Vejam a tirinha (FIGURA 12).

Figura 12 – Chico Bento e a mãe



Fonte: Fonseca, 2014, p. 1

Após apresentar a tirinha, o professor realiza as seguintes perguntas:

- Por que você acha que a mãe de Chico Bento cobriu-lhe os olhos?

Seguidamente, pede que produzam uma história, tendo como inspiração a tirinha.

Figura 13 – O Menino Maluquinho



Fonte: Morato, 2010.

c) Veja como o Menino Maluquinho diminui o peso de sua mochila.

O professor apresenta a tirinha anterior, de forma que motive os alunos a observarem-na. E assim, conforme dica de Morato (2010), realizam-se as questões abaixo elencadas.

- Observem o primeiro e o segundo quadros: o que o Menino Maluquinho quer colocar dentro da mochila? Que coisas a mãe pensa que ele deve deixar em casa? O que Menino Maluquinho deixou em casa? Para a mãe do Menino Maluquinho, traste eram... Para o Menino Maluquinho, traste era... Para você, traste é.....

O questionamento acima deverá ser apresentado em uma folha com espaço para que o aluno responda. Essa atividade pode ser trabalhada com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental.

d) Esta atividade tem como objetivo fazer com que o aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental reconheçam e compreendam a imagem/ilustração como um texto, além de desenvolver a habilidade de ler e interpretar as imagens das HQs e relacioná-las ao texto escrito (BRASIL, 2007).

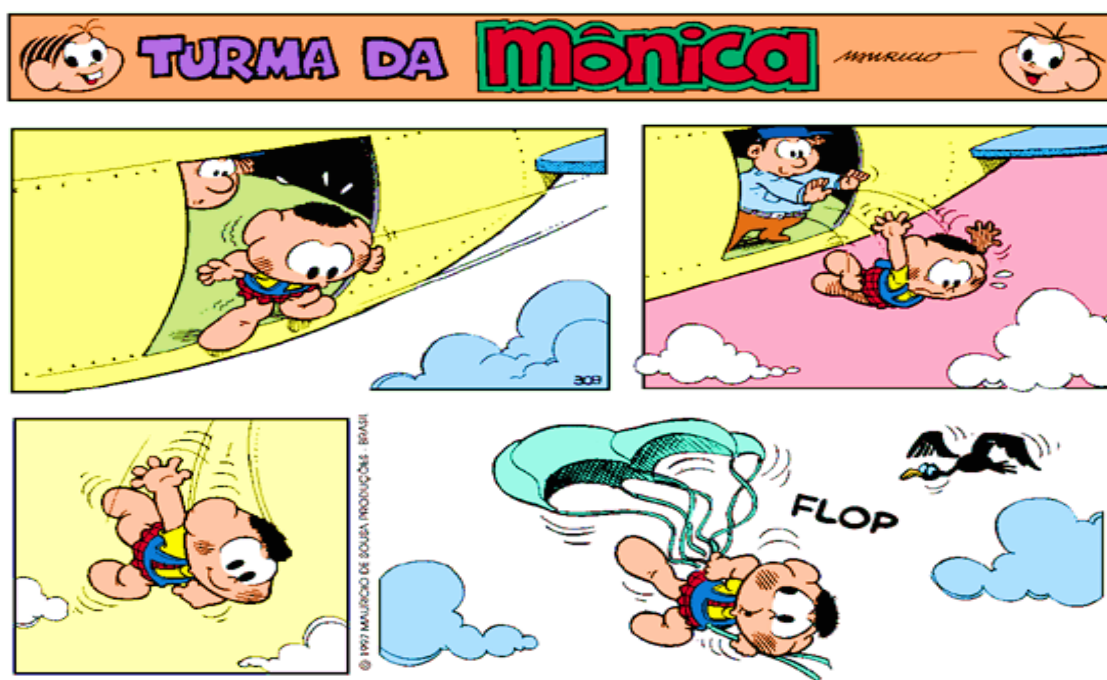
1 - Após o professor apresentar a tirinha, os alunos deverão realizar as atividades que se seguem.

O Cebolinha queria mesmo provar que é um garoto forte. Para isso, convidou o _____ para tirar algumas _____. O desafio era levantar uma barra com pesos, mas o _____ não estava conseguindo e, por isso, ficou _____. Cascão, na tentativa de ajudar, teve uma ideia muito engraçada, de modo que os dois _____ e a foto foi feita!

2- Nessa tirinha, não há texto escrito. Como foi possível compreendê-la?

e) A questão abaixo trata de interpretação de texto e pode ser trabalhada com turmas de 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Figura 14 - HQ – Cascão



Fonte: MATEUS, 2015.

O professor trabalhará essa atividade, anexando a figura a uma folha em branco, que poderá ser avaliada como teste diário, ou mesmo ser utilizada em avaliação, possuindo as seguintes questões:

- 1 - O que Cascão está fazendo no início da HQ?
- 2 - No quadrinho 2, o que você acha que Cascão sente? Como pode ser comprovado?
- 3 - No quadrinho 4, por que se utiliza a onomatopeia FLOP?
- 4 - O que sai errado na história?
- 5 - Como ele tenta resolver o problema?

O professor, mediante essas atividades, deverá verificar se o aluno conhece as HQs que ele apresentar. Caso sejam de Mauricio de Sousa, deverá contar aspectos relacionados à sua vida e à sua obra e personagens; ou, sendo de Ziraldo, a mesma ação; para que a criança se familiarize com a atividade e seja motivada a querer ler outras HQs.

Se realmente o professor quiser incutir um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais e as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los, nem impondo seus gostos, mas, principalmente, oferecendo fruição no ato de ler.

O professor deve proporcionar ao aluno uma viagem pela imaginação, uma aventura sem fim, algo que o faça ir além, refletindo, esclarecendo dúvidas, tentando avançar o horizonte, viagens que, talvez, nem mesmo o escritor tenha imaginado, isto é, ler, viajar através da leitura, ser atuante na história. Só assim, os educadores poderão mostrar às crianças que elas são agentes, quer dizer, sujeitos ativos da história.

Logo, uma HQ, para prender a atenção das crianças e despertar sua curiosidade, deve estimular a sua imaginação, além do que, após a exposição da mesma, atividades bem planejadas e divertidas devem ser trabalhadas, mas de acordo com o desenvolvimento intelectual de cada uma e de sua faixa etária.

CONCLUSÃO

A promoção da leitura na escola só terá êxito se for ao encontro das necessidades das crianças. Por meio de gêneros textuais distintos, conforme verificamos em nossa pesquisa, referendada por autores renomados, pode-se constatar que as crianças se tornarão leitoras reais e autônomas se a elas forem dadas condições para isso.

Cada aluno segue sua própria trajetória. Dependendo do contato que tem com vários gêneros textuais, materiais de leitura e motivação recebidos por parte da família ou da escola é que vai desenvolver a habilidade de ler. Quando um texto é chamativo, a tendência é a criança desejar lê-lo. Exemplo disso são as HQs, as quais não são maçantes, há, em seu contexto, geralmente, o lúdico: cores, onomatopeias divertidas e interessantes, linguagens verbal e não verbal, características que não provocam na criança a sensação de algo enfadonho e a vontade de fugir da leitura, ou mesmo, o desprazer de sentar-se e ler.

A escola pode, juntamente com sua equipe pedagógica, optar por estratégias diversificadas para o trabalho com as HQs. Viu-se que há diversas atividades que podem ser feitas, explorando-se esse gênero textual, e que são de extrema qualidade, com o propósito de promover uma leitura prazerosa ao aluno do Ensino Fundamental. As HQs da Tuma da Mônica e do Menino Maluquinho podem ser trabalhadas de modo amplo e divertido, a fim de se formar um leitor, e não um ledor. Portanto, as HQs, quando bem utilizadas na escola, auxiliam o processo de formação da criança como leitora.

As HQs são suportes fundamentais para despertar na criança sentimentos de pura fantasia, permitindo a ela, como leitora, ter um envolvimento com as personagens da história e com o contexto vivido por elas. Esse processo leva a criança a ter experiências, viver situações reais no imaginário que o faz de conta propicia.

Uma equipe pedagógica, com hábitos de leitura, pode contribuir para a formação de bons leitores. A influência do meio é que pode tanto estimular a leitura como também fazer com que os educandos não gostem de ler. Assim, o professor deve planejar atividades através das quais os alunos atuem de forma real, participando com entusiasmo, questionando sobre o que leem, estabelecendo

relações entre a leitura que fazem hoje e a leitura feita anteriormente, enfim, sendo agentes de transformação. Por conseguinte, promoverá a leitura de forma prazerosa, associada a necessidades básicas do cotidiano.

Contudo, se a escola, como uma instituição educacional, conformar-se com a realidade em que vivemos, onde alunos passam de ano sem saber ler e interpretar, certamente favorecerá o aumento de leitores irrealistas e, assim, ajudará os alunos a acreditarem que o ato de ler é realmente um verdadeiro castigo.

A leitura não deve estar relacionada apenas a notas. Tudo o que nos motiva, fazemos com mais prazer. Cabe aos pais e educadores competentes realizarem esse processo de transformação por meio da leitura nos lares e na prática pedagógica, tendo consciência de que o filho/educando é um ser em formação, em processo de construção do seu próprio conhecimento.

As HQs possuem benefícios para o desenvolvimento infantil e para a formação de um novo leitor, assim, o professor necessita trabalhá-las com o intuito de preparar futuros leitores e, ao mesmo tempo, garantindo novas perspectivas para a formação de cidadãos conscientes, sem preconceitos, solidários, críticos, comunicativos.

Pode-se dizer que a criança, por meio das HQs, desenvolve as demais capacidades psicossociais necessárias para sua vida adulta. A maneira que tal prática é desenvolvida na escola é de fundamental importância, pois, através desta, iniciam-se sentimentos de prazer e a conscientização do ato da leitura.

O trabalho com atividades que contêm HQs deve necessariamente oferecer incentivos e meios para que os aprendizes se interessem pela leitura, já que esse gênero textual exerce grande influência na vida da criança.

Ressalta-se, então, a importância de o professor ler constantemente para seus alunos e oferecer, em suas aulas, o despertar pela curiosidade a outros gêneros textuais e o gosto de ler, seguindo o seu exemplo.

Logo, as histórias em quadrinhos, se devidamente utilizadas na unidade escolar, representam um recurso pedagógico capaz de contribuir com o processo de formação do leitor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. M. **Histórias em quadrinhos e educação infantil**. Psicologia: Ciência e Profissão. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 01 ago. 2015.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. **Programa gestão da aprendizagem escolar — GESTAR — Língua Portuguesa atividades de apoio à aprendizagem 4 leitura e produção de textos: histórias em quadrinhos, textos jornalísticos e textos publicitários**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/gestar/aaalinguaportuguesa/lp_aaa4.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental - **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CARVALHO, A.C.; OLIVEIRA, M.P. **Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., Porto Alegre, 2004. Disponível em: <repositorio.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 28 ago. 2015.
- CASASANTA, T. **Criança e Literatura**. Belo Horizonte: Veja, 2004.
- CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, P. F. I. e MARTINS, R. M. F. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, M. A. A. **Mergulhando na Leitura Literária: proposta de experiências para o Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.
- ENGSTER, M. **Ideologias nos Quadrinhos Infantis: Paralelos entre os Universos Disney e Turma da Mônica/2008**. 2008. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/ideologias-nos-quadrinhos-infantis-paralelos-entre-os-niversos-disney-e-turma-da-monica-2008/4>> Acesso em: 30 ago. 2015.
- FOGAÇA, A. G. **A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes**. Revista PEC, v. 3, nº 1. p. 121-131. Curitiba, jul-2002/jul-2003. Disponível em: <<http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

- FONSECA, A. **Chico Bento Manhoso**. 2014. Disponível em: <http://www.satirinhas.com/2014/08/chico-bento-manhoso/>. Acesso em: 08 set. 2015.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREITAS, D. A. S. **A linguagem das histórias em quadrinhos**. 2013. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18938>. Acesso em: 28 set. 2015.
- HAMZE, A. **História em quadrinhos e os Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2008. Disponível em: <http://pedagogia.brasilecola.com/trabalho-docente/historia-quadrinhos.htm>. Acesso em: 19 ago. 2015.
- HUPPES, M. C. **Literatura infantil**: história e situação atual. 2006. Disponível em: <http://www.unifebe.edu.br/divuldagão/discente06.doc>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- IANNONE, L.R.; IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 2004.
- JARCEM, R. G. R. e NASSAU, Faculdade Maurício de. **História das Histórias em Quadrinhos**. 2007. Disponível em: http://historiaimagem.com.br/edicao_5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf. Acesso em: 09 jul. 2015.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.
- LANIUS, M. A. D. **Histórias em Quadrinhos**: um estudo sobre seus leitores. 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/112161>. Acesso em: 09 ago. 2015.
- MACHADO, F. A. **Histórias em Quadrinhos**. 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5474>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MALAMUT, E. Contando ou lendo estória na pré-escola – **Revista do professor**. RS. Editora Cpoec, ano VI, nº 21, janeiro a março, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. 2014. Disponível em: http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf. Acesso em: 18 jun. 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 133 p.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTINS, E. B. e PEREIRA, A. C. C. **Discutindo o uso de quadrinhos no ensino de análise combinatória.** 2013. Disponível em: <http://www.cibem7.semur.edu.uy/7/actas/pdfs/921.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

MARUNY, L. C. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MATEUS, E. **Atividades – HQs. 2015.** Disponível em: http://files.comunidades.net/alfabetizacaoemtempocerto/Leitura_e_interpretacao_de_textos.pdf. Acesso em: 30 set. 2015.

MINAYO, M.C.S. **O Conceito de Metodologia de Pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 2012.

MIRANDA, L. P. **Como surgiram as histórias em quadrinhos?** 2014. Disponível em: <http://www.cantodosclassicos.com/como-surgiram-historias-em-quadrinhos/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

MORATO, K. **Atividades com HQs. 2010.** Disponível em: <http://blogdaprofkatia.blogspot.com.br/2010/10/atividades-com-hq-algumas-retiradas-da.html>. Acesso em: 03 out. 2015.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem Significativa Crítica.** Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.

MOYA, A. **História da história em quadrinhos.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

NEVES, M. S. **A legitimação da prática de leitura na escola: uma proposta pedagógica para o Ensino Fundamental II.** Disponível em: <http://sistemasweb.unifran.edu.br/tesd/visualizar.php?id=77b6a6e451e5dee15f3a89cda9beb19e168c054>. Acesso em: 30 set. 2015.

OLIVEIRA, F. F. **A linguagem das Histórias em Quadrinhos.** IFEUSP Programa de Pós-Graduação 1º semestre de 2008. Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática (SEED). Disponível em: http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/File/CV_132/Historias_em_quadrinhos.pdf Acesso em: 28 jul. 2015.

OLIVEIRA, E. H. P. **Ensino de histórias em quadrinhos no 6º ano do Ensino Fundamental.** 2013. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/handle/235/3887>. Acesso em: 30 jul. 2015.

PAIVA, F. S. **Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores: os exemplos de Batman e Superman.** Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf. Acesso em: 21 ago. 2015.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. **Literatura Infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2001.

REGO, L. L. B. **Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo: FTD, 2005.

RESENDE, V. M. **Literatura Infantil e Juvenil**. Vivências de leitura e expressão criadora. Rio de Janeiro: Saraiva, 2006.

SANTOS, R. E. **Memória da História em Quadrinhos no Brasil**. 2008. Disponível em: http://www.uscs.edu.br/pesquisasacademicas/images/download_inici_cientifica/prof_roberto_e_lucashernandes_com.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

SANTOS, R. E. **A história em quadrinhos na sala de aula**. 2003. Disponível em: http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4905/1/N_P11SANTOS_R_0BERTO.pdf. Acesso em: 08 ago. 2015.

SANTOS, R. E. Aplicações da história em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, n.22, p.46-51, 2001. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em 17 ago. 2015.

SANTOS, M. O.; GANZAROLLI, M. E. **Histórias em quadrinhos: formando leitores**. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/13245>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SILVA, A. R. B.; BERTOLETTI, E. N. M. **A importância das histórias em quadrinhos para a formação do ler**. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/view/222/155>. Acesso em: 09 ago. 2015.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição**. 2005. Disponível em: <http://www.datagrama zero.org.br>. Acesso em: 01 ago. 2015.

VIANNA, I. O. De A. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: Saraiva, 2008.

ZILBERMAN, R. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. 2006.

ANEXO – Os PCNs e as orientações para o docente quanto à formação dos leitores e à prática de leitura

OS PCNs E AS ORIENTAÇÕES PARA O DOCENTE NA FORMAÇÃO DOS LEITORES E DA PRÁTICA DE LEITURA
- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possuem, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- planejar as atividades diárias, garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo, apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Fonte: BRASIL, 2001, p. 58-59 (compilação e elaboração das autoras).